

Aos pés do Guru...

Vida e Ensinos de Bhagavan Sri Ramana Maharshi

Mahabhutani e Indrananda



O Lótus Azul, que se abre aos pés do Ser Altamente Iluminado, é a Luz Espiritual necessária que o conduz no Caminho direto para a Realização Búdica.

(in Nova Doutrina, de Ramana Maharshi, por Mahabhutani e Indrananda, item 6.6.)

RIO DE JANEIRO RJ
2010

AOS PÉS DO GURU...

VIDA E OBRA DE
BHAGAVAN SRI RAMANA MAHARSHI

© Mahabhutani e Indrananda

SOCIEDADE BUDISTA-HINDUÍSTA RENOVADORA - SOBUHIR
Rio de Janeiro - Brasil

Primeira edição: 2010

Segunda edição: 2013

Publicado por S.Carvalho - Presidente
Centro de Estudos e Prática dos Ensinamentos de
Bhagavan Sri Ramana Maharshi - CEPE Ramana
Rio de Janeiro - RJ - BRASIL

Aos Pés do Guru de [Mahabhutani & Indrananda](#) é licenciado sob uma [Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivados 3.0 Não Adaptada](#).
Baseado no trabalho em www.nitcult.com.br. Permissões adicionais, procurar em www.nitcult.com.br/sobuhir.htm.

Email: mahabhutani@hotmail.com

mahabhutani@yahoo.com.br

Website: www.nitcult.com.br/sobuhir.htm

Rio de Janeiro

2013



Índice

Prefácio, 07

Introdução, 08

AMBIENTAÇÃO: Índia: ontem e hoje, 09

Um retrato da Índia atual, comparando-a com a antiga, especialmente no que se refere à vida espiritual. Religião, iniciação, crenças, fanatismo. A elevada filosofia Vedanta. Os sábios gurus.

PARTE 1 - O CAMINHO

1. Uma adolescência diferente, 12

Venkatamaran diferiu de seus contemporâneos pela maneira como encarava a vida familiar e escolar, especialmente após a experiência de “morte aparente” em que conheceu o samadhi com menos de 17 anos de idade.

2. O chamado da montanha Sagrada, 14

Considerada sagrada desde a antiguidade, a montanha Arunachala, em cuja região foi construído um grande templo, atraiu o jovem Venkataraman de modo inexplicável. Ele não mediu esforços para lá chegar.

3. Atropelos da jornada, 17

Com pouquíssimo dinheiro, sem informações precisas sobre o percurso, o jovem lançou-se à aventura, buscando chegar a Arunachala. Passou por muitas dificuldades, mendigando comida e dormindo ao relento. Encontrou pessoas que ajudaram, todavia. Conheceu templos e devotos.

4. Salvo por inesperados devotos, 22

Instalando-se precariamente, em vários locais, o jovem Venkataraman permaneceu em samadhi por muito tempo, deixando de cuidar de seu corpo físico, inclusive não se alimentando. Não fossem alguns devotos, que o localizaram e providenciaram um mínimo para sua sobrevivência, ele teria desencarnado.

5.Simplicidade e devoção, 26

Finalmente, instalado em terreno mais favorável, o jovem santo, embora mantendo a austeridade habitual, passou a receber visitas de pessoas interessadas na espiritualidade. O Swami acumula conhecimentos estudando em livros trazidos por discípulos.Sua família tenta, em vão, dissuadi-lo a voltar para perto dela.

6.Cuidar do mundo para ajudar ao próximo, 30

Com o passar do tempo, a fama do jovem Swami ultrapassou os limites da região, atraindo muitos devotos. Iniciou uma nova fase em seu magistério superior, expondo a essência dos ensinamentos tradicionais aos discípulos e visitantes. Já então conhecido como Bhagavan Sri Ramana Maharshi.

7.Um ashrama mais acolhedor, 34

Com o crescente interesse de pessoas do exterior, que queriam conhecer o Guru, surgiu a necessidade de se providenciar condições favoráveis à recepção dessas pessoas, alojando-as com o conforto a que estavam habituadas. O Ramanashramam foi sendo, então, adaptado a essa nova condição, sendo hoje um local completo e confortável para receber visitas de todo o mundo, e equipado para a divulgação dos ensinamentos, usando modernos meios de comunicação.

PARTE 2 - OS ENSINAMENTOS

1. A verdadeira Renúncia, 38

Uma questão que suscita muitas dúvidas refere-se ao ato de renunciar à vida mundana. Muitos pensam que abandonar o lar e o trabalho seja facilitador de sua vida espiritual, em termos de liberdade para se dedicarem ao auto-aperfeiçoamento. Sri Bhagavan elucida tais dúvidas, de modo claro e definitivo.

2. Quem sou Eu?, 41

Esta é a pergunta fundamental, que o estudante deve fazer a si mesmo. Ciente de que não é o corpo nem a mente, ele quer conhecer a si mesmo, saber da sua Essência, que naturalmente transcende à matéria e aos seus produtos intelectuais. Sri Bhagavan diz como fazê-lo.

3. A Mente, 47

Aqui, o Sábio de Arunachala explica brevemente a natureza da mente, seus estados e localização. Trata-se de ensinamento fundamental para que, entendendo o mecanismo da mente, possa o discípulo agir de modo a transcender o corpo e a mente, chegando à Auto-Realização.

4. O Mundo, 52

O mundo não tem realidade por si próprio. Não existe apartado do Ser. Isto é aqui explicitado, tendo em vista o que ensinam as Escrituras e os Sábios do Yoga.

5. O Ego, 56

A relação do Ego com a Mente e o Eu é aqui explicada, assim como a maneira de se afastar a ignorância, que impede ao homem o reconhecimento de sua verdadeira identidade

6. O Ser Supremo, 58

Demonstra-se aqui que a forma do SER é a forma de Deus, e que Ele tem a forma do Eu-Eu.

7. Conhecimento do Supremo SER, 60

Descreve-se aqui o método para se realizar o Eu, de acordo com os ensinamentos dos Mestres do Yoga.

8. Adoração de Deus, 62

Dizem os sábios que perene consciência do SER é real adoração e penitência.

9. Libertação, 64

Libertação pode ser obtida por constante e prolongada meditação sobre o SER, na forma de 'Sivoham' (Eu sou Siva) que significa 'Eu sou Atman'.

10. As Oito Sendas do Yoga, 68

Descrição da Senda do Yoga, para a obtenção da Auto-Realização, através do controle da mente, pelo controle da respiração.

11. As Oito Sendas do Conhecimento, 72

A Senda do Conhecimento, Jnanamarga, que conduz à Auto-Realização, pela compreensão de que o Supremo é UM e indivisível, é descrita neste capítulo.

12. Renúncia, 75

A completa eliminação de pensamento é considerada a única verdadeira renúncia.

APÊNDICE

Arunachala: Índia e Brasil, 77

Pela Palavra, o Silêncio e o Olhar, 78

Bibliografia, 79

A Nova Doutrina, 80

PREFÁCIO

Esta obra destina-se a colocar o conhecimento oriundo do maravilhoso Guru Bhagavan Sri Ramana Maharshi ao alcance dos que no Brasil afanosamente o buscam. Seus autores, Mahabhutani e Indrananda, casal que se dedica integralmente ao estudo e à prática dos ensinamentos do Mestre, mantem um site da sua Ordem denominada SOCIEDADE BUDISTA-HINDUÍSTA RENOVADORA - SOBUHIR e realizam satsangs regularmente, via Internet.

Aquele que ler com atenção esse livro, não terá lido tudo sobre a vida do Guru, nem os seus ensinamentos, mas terá, certamente, uma boa iniciação a ambos.

Presentemente, são poucas as obras sobre o Guru que tenham traduções para o Português, de modo que essa iniciativa de Mahabhutani e Indrananda, traduzindo textos importantes e escolhendo fotos significativas, representa um passo para muitos decisivo no conhecer e apreciar a obra do Mestre, que tem sido, mesmo depois de seu mahasamadhi em 1950, um poderoso iniciador de novos devotos e discípulos.

Vejam os alguns dados sobre a vida e a obra desse apreciado e venerado Santo Indiano: **Bhagavan Sri Râmâna Mahârshi** (30 de dezembro de 1878 — 14 de abril de 1950), passou a ser conhecido no Ocidente através da obra de seu discípulo Arthur Osborne, que escreveu o RAMANA ARUNACHALA na década de 1940. Esse conhecimento havia se espalhado pelo mundo com a publicação, em 1934, do livro “*A Índia Secreta*” de autoria de Paul Brunton, jornalista e escritor inglês, que também se tornou discípulo deste guru indiano, considerado um dos maiores sábios de todos os tempos. Sri Ramana Maharshi não se destacou como intelectual. Na verdade, ele palmilhou um caminho completamente diferente e direto. Antes de completar 17 anos de idade, teve uma experiência iniciática de grande importância, cujo impacto lhe transformou completamente a vida. Na verdade, ele viveu e personificou à perfeição a Sabedoria das Idades. Não escreveu nenhum livro, mas compôs poemas e ditou ensinamentos preciosos a seus devotos, publicados pelo Ashrama que em torno dele se formou. Partindo para a Montanha Sagrada de Arunachala, no sul da Índia, ele nunca saiu de lá, passando ali o restante da sua vida. O ashrama prosperou, e até hoje recebe visitantes de várias partes do mundo, todos em busca da Iluminação, da qual Bhagavan Sri Ramana Maharshi sempre foi um autêntico depositário. Seus ensinamentos, magistralmente simples, profundos e lúcidos, estão registrados em grande número de livros de diversos autores. Em Sua presença, os visitantes experimentavam uma grande paz, e recebiam a Iniciação através da palavra e especialmente do silêncio, quando o Guru falava diretamente para o Ser daquele que o procurava com mente aberta e coração puro.

Um devoto

INTRODUÇÃO

Este livro foi escrito para contribuir à divulgação, no Brasil, da vida e da obra do Excelso Guru BHAGAVAN SRI RAMANA MAHARSHI.

Admiradores desse venerado Mestre, desde os idos de 1975, estamos empenhados no trabalho de estudo e divulgação dos ensinamentos que emanam do Templo em Tiruvannamalai, Sul da Índia, — iluminando as vidas de muitos que buscam o Conhecimento Superior.

Para o desempenho desta missão, mantemos um site na Internet, e agora apresentamos este trabalho, que consistiu da tradução e organização de textos obtidos no site do Ramanasramam. São excertos e mesmo capítulos dos livros:

1-Bhagavan Sri Ramana Maharshi's

WORDS OF GRACE

Who Am I? - Self-Enquiry

Spiritual Instruction

Sri Ramanasramam - Tiruvannamalai - 2005

2- RAMANA MAHARSHI AND THE PATH OF SELF-KNOWLEDGE

A Biography By ARTHUR OSBORNE

SRI RAMANASRAMAM - Tiruvannamalai, 2002.

Do Ashrama solicitamos autorização para a tradução e uso dos textos e das fotos que ilustram a obra, o que agradecemos sensibilizados.

No final de cada capítulo o leitor encontrará, também, um aforismo da nossa NOVA DOCTRINA, que, inspirados em Bhagavan, escrevemos, e pela qual somos os únicos responsáveis.

Temos nitidamente gravada em nossa memória a lembrança de momentos mágicos vividos com o Guru, desde quando ocorreram certas “coincidências”, tais como o aparecimento repetitivo de publicações em bancas de jornais e outros locais, com fotos de Bhagavan e artigos sobre Ele, quando era tão pouco conhecido no Brasil!... Mais recentemente, fatos extraordinários de inusitadas visões... Enfim, momentos que provocaram uma religação de discípulos com Mestre!...

Hoje, plenamente engajados na Obra, rejubilamo-nos e agradecemos as oportunidades de crescimento espiritual e conagração fraterno com tantos apreciadores da Verdadeira Doutrina.

Dedicamos este trabalho a VOCÊ, que busca nos ensinamentos de BHAGAVAN SRI RAMANA MAHARSHI o encontro do SER, que é você mesmo, livrando-se dos entraves que a ignorância e a ilusão costumam colocar entre nosso eu físico e nosso Eu Interno.

Rio de Janeiro, 2010.

AMBIENTAÇÃO: Índia: ontem e hoje

Um retrato da Índia atual, comparando-a com a antiga, especialmente no que se refere à vida espiritual. Religião, iniciação, crenças, fanatismo. A elevada filosofia Vedanta. Os sábios gurus.

CULTURA

Uma das civilizações mais antigas do planeta, a Índia se caracteriza pela diversidade, sendo um verdadeiro mosaico cultural. Convivendo com muitas línguas, religiões, hábitos e modos de vida, o indiano, não perde, contudo, a arraigada noção de unidade, preservando seus modos de expressão, diferentes nos vários estados, — mas conservando-se profundamente arraigado ao sentimento de amor à nação, e de respeito à sua civilização ancestral. Embora ainda existam alguns conflitos religiosos, o indiano é, em geral, tolerante para com as religiões. Talvez porque tenha crescido convivendo com uma profusão de deuses, crenças, e línguas, professadas e faladas por seus vizinhos.

O Hinduísmo é a religião com mais seguidores na Índia, seguido pelo Islamismo e

Este mapa é cortesia de www.theodora.com/maps



o Budismo. O Hinduísmo é tão antigo quanto a civilização da Índia, e toda a sua simbologia é vista, no mundo, como se representasse o próprio país.

Além das citadas religiões, professa-se o Jainismo e o Sikhismo, e outras, como o Islamismo, o Cristianismo, o Zoroastrismo e o Judaísmo, estas originárias de terras estrangeiras, tendo sido introduzidas por invasores e missionários.

A diversidade da cultura da Índia expressa-se também através da linguagem e da dança. Há, hoje, cerca de 415 idiomas vivos. De acordo com a Constituição, as duas línguas oficiais são o Hindi e o Inglês, utilizadas na

comunicação pelo Governo da União. Além destas, são muito usadas o Tamil, o Bengali, o Urdu, e o Gujarati.

GEOGRAFIA

Ocupando uma posição central no Sul da Ásia, a Índia limita-se com o Paquistão (a noroeste), a China, o Bhutão e o Nepal (ao norte), tendo Myanmar e Bangladesh (a leste). Estende-se das neves do Himalaia ao norte, às águas azuis do Oceano Índico ao sul, e do deserto de Thar a oeste, até as densas florestas de Arunachal Pradesh, no oriente.

Nas regiões nordeste, central e oriental, predominam as férteis planícies indo-gangéticas, enquanto que a maior parte do sul é coberta pelo Planalto Deccan. É

nas Planícies Indo-Gangéticas que se encontram os alagadiços do Indo e o sistema fluvial do Ganges-Brahmaputra.

Há que se destacar ainda os desertos do ocidente e a imensa cadeia dos Himalaias guardiões da região norte. No sudoeste está o Mar da Arábia, e no sudeste, encontra-se a Baía de Bengala. O ponto mais alto da parte da Índia não litigiosa é o Pico Kanchenjunga (8598m), sendo seu ponto mais baixo o Oceano Índico (0m). O ponto mais ao sul é o Ponto Indira, nas ilhas de Andaman e Nicobar.

As maiores fontes de irrigação e eletricidade são os rios Ganges, Yamuna, Narmada, Godavari, Krishna, Kaveri e Mahanadi. Merecem ainda citação o Brahmaputra e afluentes do Ganges. O Ganges, o Brahmaputra e o Indo originam-se dos Himalaias, e são perenes, pois obtém água das chuvas assim como do derretimento de geleiras. Já os rios Narmada, Godavari, Krishna, Mahanadi e Kaveri são rios peninsulares.

HISTÓRIA/RELIGIÃO

É bastante controversa a origem dos indo-arianos. Tem-se notícia de que a civilização do Vale do Indo surgiu no século XXXII a.C., chegando à maioria no século XXV a.C. A partir de então, prepondera a civilização Védica.

Os arianos, povo semi-nômade, teriam migrado da Ásia Central para o noroeste do subcontinente por volta de 2000 a.C.

A cultura indiana clássica seria resultante da fusão da cultura védica com as dravídicas, mais antigas.

Com os nascimentos de Mahavira e Buda, no século VI a.C., teve início uma fase melhor registrada da história indiana, e sabemos que a partir de então, o progresso da Índia se fez sentir com pujança, passando a ser um importante centro econômico, político e cultural.

A Índia sofreu o domínio de vários povos: Árabes e centro-asiáticos nos séculos VIII e XIII, comerciantes europeus e, finalmente, os britânicos, a partir de 1757, ocupação que durou até 1947, quando, pela ação de Mahatma Gandhi, Vallabhbai e Jawaharlal Nehru, obteve sua independência. O subcontinente foi dividido em duas partes: República da Índia, democrática, e República Islâmica do Paquistão. Em 1971, após uma guerra entre esses dois países, o Paquistão Oriental tornou-se o Estado independente de Bangladesh.

A resistência não-violenta chefiada por Mahatma Gandhi constituiu-se num exemplo admirável de luta pela libertação de um povo, e manifestação espiritual, democrática de alto nível. Gandhi procurou Bhagavan Sri Ramana Maharshi, para dele receber a bênção e aprovação de seu trabalho libertário. Nesse encontro, no ashrama do Guru, o silêncio reinou, sendo desta forma a comunicação entre esses dois grandes

Seres. Assim, Gandhi prosseguiu em sua abençoada missão, e Sri Ramana Maharshi permaneceu em seu local, recebendo todos que o procuravam em busca da Iluminação. Gandhi era amigo de Bhagavan Sri Ramana Maharshi, existindo fotos dos dois, juntos, em visita que fez ao Ashrama.

No dia em que foi proclamada a independência da Índia, agentes do governo passaram pelo ashrama e indagaram se iriam hastear a bandeira da nova república. Receberam a resposta de que a bandeira já havia sido preparada, há dias, por Sri Ramana, e logo seria colocada em local adequado.

Embora subsistam formas religiosas consideradas expressões de fanatismo e superstição, a Índia é fonte preciosa de elevados ensinamentos, destacando-se a filosofia Vedanta.

Trata-se de uma filosofia ensinada pelos Vedas, as mais antigas escrituras da Índia. Afirma que nossa natureza é divina. Deus está em todos os seres vivos. A prática religiosa tem por objetivo conduzir-nos ao conhecimento do Ser, que somos todos nós.

Ao contrário do que afirmam várias religiões, não somos seres decaídos, nem precisamos ser salvos. O que temos de vencer é a ignorância do que realmente somos. Na verdade, somos Consciência.

Deus, embora impessoal, assume variadas formas, para ser visto ou conhecido pelo homem. A reencarnação existe para que tenhamos oportunidades de nos realizarmos como seres divinos.

Segundo ensinam os Gurus, não é pelo intelecto que conseguiremos a união com Deus, mas através da meditação, que ultrapassa o mundo fenomenal, abrindo as portas da percepção.

Assim é a Índia, um repositório de conhecimentos, de variadas formas de viver, que vem se transformando com o passar das épocas.

Hoje, a Índia vive uma era de prosperidade, sendo a maior democracia do mundo e a quarta maior economia do planeta. Destaca-se na produção agrícola, na indústria da informática e de energia atômica, exercendo grande influência, desde tempos muito antigos, sobre a Indonésia, a Tailândia, o Tibete, a China, o Afeganistão, o Turquestão, o Irã, o Camboja. Essa influência tende a se estender, nesta era de globalização e facilidade de comunicação, e, a par todo o progresso tecnológico, o país continua exercendo notável influência espiritual sobre todo o mundo.

FONTE: wikipedia.org

PARTE 1 - O CAMINHO

1. Uma adolescência diferente

Venkatamaran diferia de seus contemporâneos pela maneira como encarava a vida familiar e escolar, especialmente após a experiência de *morte aparente* em que conheceu o *samadhi* com menos de 17 anos de idade.



Tudo começou naquele dia em que o menino Venkataraman, estando na casa de um tio em Madurai, (foto), ao sentir uma inexplicável aproximação da morte, nada temeu, passando a dramatizá-la. Deitou-se no chão, permanecendo imóvel, inerte...

Abandonando o corpo físico, que estaria morto, o menino sentiu que sua individualidade permanecia intacta, e plenamente consciente!... Concluiu então que a morte só existe para o físico, e que o Ser Real, que era ele, subsistia para além da matéria!...

Nunca mais foi o mesmo, após esta experiência!

Desinteressou-se das coisas do mundo. Descurou-se das atividades escolares e familiares, o que veio causar preocupação em seus pais e irmãos.

Venkataraman, nascido em 30.12.1879, em Tiruchuzhi, antes, era um menino normal. Não se destacava pelo apreço aos estudos, mas gostava de esportes. Acompanhado de colegas, costumava sair à noite, pelas duas horas da madrugada, em direção de um rio, onde nadavam e praticavam um tipo de jogo, que consistia em se atirar, de um para outro, uma vasilha de barro, cheia d'água. A água não deveria derramar-se.

Após horas de diversão, os meninos retornavam para suas casas, desfazendo, então, os arranjos que tinham feito, com travesseiros e cobertores, para dar a impressão de que tinham permanecido nas camas o tempo todo!...

A família de Venkataraman consistia, em seu núcleo, do pai, Sundaram Ayyar, da mãe, Allagamal, dos irmãos, Nagaswami e Nagasundaram, e da irmã, Alamelu.

O pai, começando com uma atividade de auxiliar de contador, na qual ganhava apenas duas rúpias por mês, chegou a trabalhar como uma espécie de advogado rural, o que lhe trouxe prosperidade. Isto se deveu também às suas qualidades pessoais. Era sociável, comunicativo, uma espécie de introdutor de visitantes ilustres à vila em que morava. A mãe era religiosa e dedicada ao lar. Considerava o filho como o único Ser capaz de libertá-la da roda das encarnações, o que efetivamente aconteceu, pois Bhagavan empenhou-se ao máximo por ocasião da passagem de Allagamal, ocorrida em 1922, no ashrama, onde viveu seus últimos anos, em dedicação total ao filho-Guru.

JÓIAS DA NOVA DOUTRINA Inspirada por Ramana Maharshi **1.3. Para trilhar o Verdadeiro Caminho da Felicidade, é preciso despojar-se de bens materiais, pois trazem aflição e ansiedade.**

Neste mundo material, em que o homem construiu um sistema de vida baseado na artificialidade, no luxo, na lei do menor esforço físico e na posse de bens de variadas espécies, a Plena e Verdadeira Felicidade é impossível, sem que haja um esforço consciente e constante de despojamento de todas essas coisas e das idéias que lhes são inerentes. A Ilusão de que a realidade é a Matéria, e de que o homem é o corpo físico, impede o trilhar do Caminho que conduz ao SER, fazendo com que as pessoas permaneçam ansiosas e aflitas, pois sempre falta algo que lhes possa satisfazer o desejo de posse e o apego às coisas materiais.



2. O chamado da Montanha Sagrada

Considerada sagrada desde a antiguidade, a montanha Arunachala, em cuja região foi construído um grande templo, atraiu o jovem Venkataraman de modo inexplicável. Ele não mediu esforços para lá chegar.

Desinteressando-se das coisas normais da existência terrena, o rapaz Venkataraman vivia, contudo, no seio da família. Seu irmão chamou-lhe a atenção, observando que ele não podia continuar ali, sendo um sannyasa ou renunciante. Reconhecendo que seu irmão estava com a razão, o rapaz decidiu partir para um lugar que há algum tempo não saía de sua mente: ARUNACHALA, a sagrada montanha.



Este é o Monte Arunachala, localizado em Tiruvannamalai, Sul da Índia. Consagrado ao Deus Shiva, serviu de inspiração a inúmeros sábios. Há, nas redondezas, um grande templo. Aqui Ramana Maharshi viveu de 1896 a 1950, cumprindo sua gloriosa missão.

Segundo relatos, o nome Arunachala já estava nas cogitações de Venkataraman, quando seu tio, chegando de uma peregrinação, mencionou-o, de passagem. Imediatamente o rapaz fez a conexão, e decidiu-se: partiria para esse sagrado local, que o atraía irresistivelmente!

A transformação ocorrida na personalidade de Venkataraman, após o episódio de “morte aparente” foi realmente extraordinária. A vida mundana perdeu todo o sentido para ele. Passava o tempo em reflexão ou meditação, mergulhado em profundo samadhi. Ele agora conhecia a Realidade, vivia unido ao Ser, vale dizer, a todo o Universo Cósmico! Era não apenas um renunciante e um iogue, mas um Ser Plenamente Realizado, um sábio da mais alta estatura!

Sri Bhagavan declarou que Arunachala é o coração da Terra, o centro espiritual do mundo. Na verdade, este é um dos mais sagrados sacrários da Índia. Foi denominado como Monte Meru por Sri Shankara. Tudo isso é sancionado pelo Skanda Purana, um dos livros sagrados da tradição, onde Arunachala é considerado o secreto e sagrado Centro do Coração de Shiva.

Dizem que muitos santos moraram lá, juntando suas santidades com a do monte, habitando suas cavernas, seja em corpo físico ou não. Alguns foram vistos como raios de luz, movendo-se, à noite, em volta da montanha. Ramana confirmou tudo isso!

Uma lenda, existente no Purana, relata a origem da montanha. Surgiu de uma disputa entre Vishnu e Brahma, sobre qual seria o maior. A luta trouxe o caos à Terra, e os Devas pediram a Shiva que organizasse a disputa. Shiva manifestou-se como uma coluna de luz, da qual uma voz se manifestou declarando que aquele que achasse suas partes inferior ou superior seria o maior.


Vishnu tomou a forma de um javali e fuçou a Terra para achar a base, enquanto Brahma tomou a forma de um cisne e voou, procurando o cimo. Vishnu falhou em achar a base da coluna, mas, “começando a ver dentro de si mesmo a Suprema Luz, que mora nos corações de todos, perdeu-se em meditação, ignorando o corpo físico, e até a si mesmo, aquele que procura” .

Brahma viu uma flor de pinheiro caindo, e pretendendo ganhar vantagem, voltou com ela, e declarou que a havia apanhado no cimo da coluna. Vishnu admitiu sua falha e retornou ao Senhor orando: “Vós sois Todo-Saber. Sois OM. Sois o princípio, o meio e o fim de tudo. Sois tudo e a tudo iluminais”. Ele foi declarado grande, enquanto Brahma foi rebaixado e confessou sua falta.

Nesta lenda, Vishnu representa o ego ou individualidade e Brahma a mente, enquanto Shiva é Atma, o Espírito.

A história continuou, porque o lingam ou coluna de luz era demasiadamente brilhante para se manter. Por isso, Shiva manifestou-se como a montanha de Arunachala, declarando: “Assim como a lua deriva sua luz do sol, outros locais sagrados derivarão sua santidade de Arunachala. Este é o unico lugar em que assumi esta forma, para o benefício daqueles que desejarem adorar-me e obter a Iluminação. Arunachala é o próprio OM. Eu aparecerei no cimo desta montanha todo ano, em Kartikai, na forma de um fogo pacificador” . “Isto se refere não somente à santidade de Arunachala, como também ao predomínio da doutrina Advaita e da senda da Auto-Investigação, das quais Arunachala é o centro”.

JÓIAS DA NOVA DOCTRINA Inspirada por Ramana Maharshi

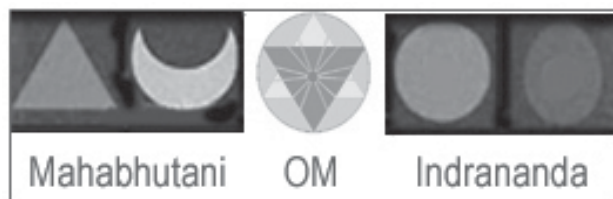
 **10.11. As forças energéticas transmutadas sabiamente pelo Alto Iniciado, o levarão à circunambulação do Monte Sagrado e, como Ser Puro, ultrapassará o cume, conseguindo assim que o Logos da Unidade se faça brilhar, transcendendo a Razão e alçando vôo acima das polaridades, além do Nirvana — a Unidade Cósmica Universal.**

Arunachala, o Monte Sagrado, é um ponto focal da mais alta importância para o Iniciado da Nova Doutrina. É uma base necessária e suficiente para que seja alçado o vôo mais alto, rumo à mais sublime consecução espiritual: a realização na Unidade Cósmica Universal.

Enquanto matéria, a montanha representa todo o planeta e a força da Mãe Terra, unida às energias provenientes do Cosmos.

Enquanto espiritualidade, a montanha condensa as vidas, presenças, ensinamentos e Amor dos Santos Gurus, sempre e exclusivamente voltados para a elevação e aperfeiçoamento da Humanidade.

Mas ela é, sempre, matéria e espiritualidade, na unidade transcendental do SER.



3. Atropelos da jornada

Com pouquíssimo dinheiro, sem informações precisas sobre o percurso, o jovem lançou-se à aventura, buscando chegar a Arunachala. Passou por muitas dificuldades, mendigando comida e dormindo ao relento. Encontrou pessoas que ajudaram, todavia. Conheceu templos e devotos.

Um fato ocorrido na escola foi a gota d'água para a saída definitiva de Venkataraman, da casa de seus pais.

Tendo falhado em aprender uma lição, ele foi obrigado a copiá-la por três vezes. Trabalhando nesse dever, em sua casa, já estava no fim da segunda cópia, quando se



Sri Sundara Mandiram, Tiruchuzhi, onde Bhagavan nasceu em 1879.

deu conta da futilidade de tal ação. Ato contínuo, afastou os papéis e, cruzando as pernas, entrou em meditação.

Mas a saída de casa teria que ser planejada, pois não seria permitida, se conhecida. Então ele disse que estava voltando à escola para uma aula especial sobre eletricidade. Talvez movido por uma força espiritual, que trabalhasse para ajudar, financiando a viagem, seu irmão lhe pediu que apanhasse, numa gaveta, cinco rúpias, aproveitando a oportunidade para lhe pagar as taxas escolares. Sua tia lhe deu as cinco rúpias e lhe serviu uma refeição. Então ele consultou um velho mapa, desatualizado, que lhe deu indicação incompleta. Por conta disso, pegou menos dinheiro do que o suficiente.

Ao sair, Venkataraman escreveu uma carta para seu irmão, dizendo: *“Saí em pesquisa de meu Pai, de acordo com suas ordens. É uma empresa virtuosa, que este*

empreende, e portanto que ninguém se preocupe sobre este ato, nem gaste dinheiro em buscas. Suas taxas escolares não foram pagas. Duas rúpias estão aqui anexadas.”

Discípulos estudiosos analisaram, muito mais tarde, o conteúdo desse bilhete de Ramana, concluindo que nele havia duas partes distintas: a inicial, na qual ele usa o pronome pessoal EU, fala de uma pesquisa espiritual e de uma ordem do PAI. Mostra que ainda estava ligado à individualidade e à dualidade entre ele e Deus (o Pai). Já na segunda parte, refere-se não ao EU, mas usa o pronome ESTE, e, no final, não assina seu nome, o que nunca mais fez!

A manhã ia terminando, quando o rapaz saiu de casa. Ele teria que caminhar cerca de meia milha até à estação ferroviária, e teria que ser rápido, pois o trem sairia ao meio dia. Chegou atrasado, mas o trem não havia chegado. Venkataraman olhou a tabela de preços, com os lugares por onde o trem passaria. Localizou a coluna da terceira classe e comprou um bilhete para Tindivanam, por duas rúpias e treze annas, ficando com apenas três annas. Todavia, se ele tivesse observado melhor, teria notado que, mais abaixo, estava assinalado que poderia comprar uma passagem direta para Tiruvannamalai, por exatamente três rúpias!

Essa falha na compra de passagem fez com que Venkataraman vivesse episódios que podem ser considerados importantes em seu esforço pela Iniciação...

Várias estações haviam passado, e o jovem Bramane permanecia absorto em sua meditação, quando um passageiro de longas barbas brancas, um Mauvi que vinha ensinando sobre vidas de santos, perguntou-lhe: “E para onde está indo, Swami?” O Mauvi ia para Tirukoilut, uma estação após Tiruvannamalai, e informou ao rapaz que o trem iria para lá, não havendo necessidade de ir tão longe, podendo ambos saltarem em Villupuram Junction, fazendo, então, baldeação para Tiruvannamalai e Tirukoilut.

Quando o trem chegou a Tiruchirapalli (ex Trichinopoly), o Swami sentiu fome, e comprou, por meio anna, duas peras do campo, uma variedade grande cultivada nas colinas do Sul da Índia. Para sua surpresa, seu apetite estava saciado logo na primeira dentada! Ele continuou então, em seu estado de beatitude desperta, até que o trem chegou a Villupuram, às três horas da madrugada. Venkataraman ficou na estação até o nascer do dia, quando então embrenhou-se pela cidade, procurando a estrada que o conduziria a Tiruvannamalai, caminho que decidiu fazer a pé!

Procurou em vão o nome de seu destino, nos postes, mas, não encontrando qualquer indicação, e sendo avesso a pedir informações, andou muito e sentiu fome. Entrando num hotel, pediu comida. Sendo-lhe dito que a comida só estaria disponível à tarde, sentou-se para esperar e imediatamente entrou em meditação.

Vindo a refeição, ele ia pagar dois annas, mas o hoteleiro, observando aquele jovem bramane, com longos cabelos e brincos de ouro, perguntou-lhe quanto tinha

de dinheiro, e, ao ouvir a resposta, recusou-se a receber pagamento. Explicou que Mambalapattu, nome que o rapaz havia visto num poste, era caminho para Tiruvannamalai. Assim, Venkatamaran voltou à estação e comprou uma passagem para Mambalapattu, numa distância que podia ser coberta pelo que lhe restava de dinheiro. Chegando a Mambalapattu, à tarde, Venkataraman pôs-se a caminhar e, à noite, após andar dez milhas, deteve-se diante do Templo de Arayaninallur, construído numa enorme rocha. Cansado, ele sentou-se perto do Templo. Não tardou que alguém viesse abrir o templo para o sacerdote e outros que viriam fazer puja. O rapaz entrou e sentou-se numa parte cheia de pilares, única parte não obscurecida. Logo brilhou uma intensa luz, inundando todo o templo. Ele pensou tratar-se de luminosidade proveniente da imagem do Deus, do santuário interno, e aproximou-se para verificar, mas não era! Também não era uma luz física, e logo desapareceu, quando ele sentou-se e entrou em meditação.

Soou o chamado anunciando que era tempo de fechar o templo pois a puja havia terminado. Venkataraman perguntou se havia comida para ele e também se poderia ficar ali até o dia seguinte, recebendo duas respostas negativas. Mas ele poderia acompanhá-los até Kilur, a três quartos de milha, onde também fariam puja, ao final do que haveria possibilidade de obter comida.

Assim que chegaram ao templo, o jovem bramane entrou em samadhi. Às nove horas a puja terminou e todos se sentaram para a refeição. Parecia que nada seria dado a ele, mas um oficial do templo, impressionado por sua aparência e maneiras devotas, deu-lhe a sua parte. Para obter água, o rapaz teve que se dirigir à casa de um pandit, nas vizinhanças. Estava ele diante da casa quando se atrapalhou com o terreno e desmaiou ou dormiu. Despertando minutos depois, viu que uma pequena multidão o observava, curiosa! Ele bebeu a água, comeu o resto do arroz, deitou-se no chão e dormiu...

O dia seguinte, 31 de agosto de 1896, era Gokulashtami, dia do aniversário de Sri Krishna, um dos mais auspiciosos do calendário Hindu. Faltavam ainda vinte milhas para se chegar a Tiruvannamalai, e o rapaz reiniciou a procura da estrada que conduzisse ao seu destino final. Para adquirir passagem de trem, resolveu vender uns brincos que na qualidade de bramane, e de acordo com antigo costume, usava. Eram de ouro com incrustações de rubis. Mas ele queria apenas quatro rúpias por eles! O problema era, onde vender, e a quem. Andando pela cidade, parou diante de uma casa que por acaso pertencia a um certo Muthukrishna Bhagavatar. A dona da casa, além de lhe servir uma lauta refeição, fê-lo comer tudo, não deixando que, à semelhança do acontecido no dia anterior, parasse logo no início!... Agiu com aquele belo e educado brâmane, de olhos brilhantes, como se fosse sua mãe, impressionada por sua presença justo no dia do aniversário de Sri Krishna...

Faltava vender os brincos, e Venkataraman então ofereceu-os, justificando com uma história de perda de bagagem durante a peregrinação. Examinando-os, Muthukrishna Bhagavatar achou-os legítimos, e propôs emprestar as pedidas quatro rúpias, trocando endereços com o visitante, de modo que ele poderia recuperar a jóia quando o quisesse. Mas o rapaz, assim que saiu, rasgou o papel do endereço, visto que não pretendia, nunca mais, reaver as jóias. Ele permaneceu na casa do bom casal até a tarde, quando lhe deram um lanche e um pacote de doces, que tinham sido preparados para puja em honra a Sri Krishna, mas não oferecidos.

O trem partiria somente na manhã seguinte, e assim, Venkatamaran teve que dormir na estação. Fazia três dias que ele havia partido de sua casa quando finalmente, em 1º de setembro de 1896, chegou à estação de Tiruvannamalai!

Com o coração disparado, o jovem apressou-se em direção ao grande Templo, cujos portões e portas, inclusive do sacrário interno, estavam completamente abertas, como que lhe dando as boas vindas!

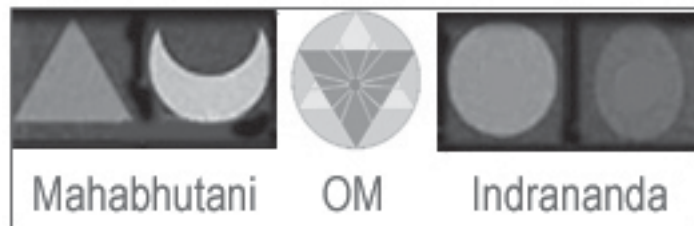
Ninguém estava no interior do Templo, e ele pode penetrar no sacrário interno, sozinho e lá ficar perante seu Pai Arunachaleswar. E assim, na felicidade da União, a graça foi alcançada, e a jornada terminou.

JÓIAS DA NOVA DOCTRINA Inspirada por Ramana Maharshi



1.7. Ao Discípulo que inicia o Caminho da Nova Doutrina, deve-se mostrar que os ensinamentos que lhe serão passados, precisam ser compreendidos na sua essência, para que ele, tendo começado a trilhar esse Caminho, não se detenha quando se deparar com o primeiro obstáculo, pois isso faz parte de sua caminhada. Se falhar ou cair, não deve desanimar, e, ao ver uma pequena Luz mostrando-lhe o verdadeiro Caminho, levantar-se e prosseguir em sua direção.

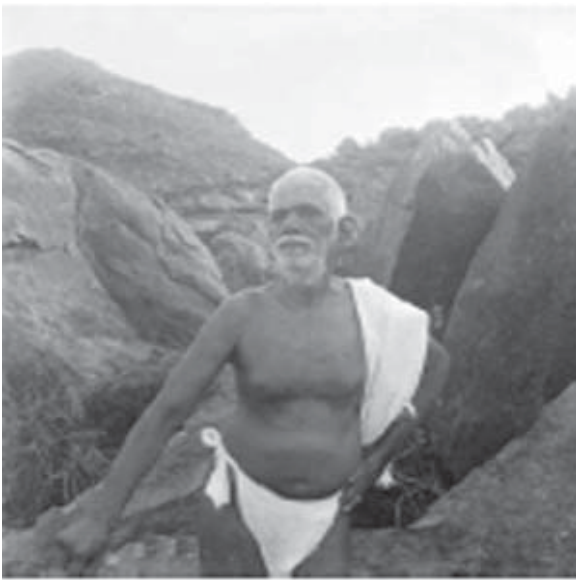
Quando o Discípulo consegue penetrar a essência dos ensinamentos da Nova Doutrina, ele passa a viver uma fase diferente, na qual a confiança na veracidade do que lhe é passado pelo Guru,— assegura-lhe a continuidade nos esforços de autosuperação. Mesmo quando um grande obstáculo o fizer parar ou mesmo cair, ele se levantará e retomará o Caminho do ponto em que interrompeu o seu trilhar — reafirmando a sua Vontade Soberana de chegar à meta colimada, que é a imersão no SER!



4. Salvo por inesperados devotos

Instalando-se precariamente, em vários locais, o jovem Venkataraman permanecia em samadhi por muito tempo, deixando de cuidar de seu corpo físico, inclusive não se alimentando. Não fossem alguns devotos, que o localizaram e providenciaram um mínimo para sua sobrevivência, ele teria desencarnado.

Saindo do templo, Venkataraman perambulava pela cidade, quando se ofereceram para lhe cortar o cabelo, de modo que seria um sinal de renúncia à vida mundana. Consentindo, levaram-no para o Ayyankulam Tank, onde vários barbeiros trabalhavam.



Sua cabeça foi completamente raspada. A seguir, desfez-se do restante de dinheiro que possuía, cerca de três rúpias. Jogou fora o pacote de doces que havia ganhado e ainda mantinha guardado. Desfez-se também do colar que designava casta, pois quem renuncia ao mundo, o faz não somente ao lar e à propriedade, mas também à casta e a todo sinal de status. Desfez-se também de parte de seu vestuário, passando a usar um mínimo de roupa.

Tendo completado os atos de renúncia, ele voltou ao templo. Aproximando-se, lembrou-se de que as Escrituras recomendam tomar um banho após ter o cabelo cortado, mas ele pensou: “Por que dar a este monte de carne o luxo de um banho?” Tomou, então, uma ligeira chuveirada, antes de entrar no templo.

Ao invés de voltar para o interior do templo, Venkataraman acomodou-se numa plataforma de pedra, sustentada por muitos pilares, com abertura para todos os lados. Sentou-se, imergindo na Felicidade do Ser. Aí permaneceu, dia e noite, imóvel e silencioso.

Completamente desinteressado do mundo, ele ficou ali por várias semanas, sendo o início da segunda fase de sua vida, após a Realização. Na primeira, ele aceitou as condições impostas pelo meio social, obedecendo aos pais, professores e mais velhos. Nesta segunda, ele passou a ignorar completamente o mundo exterior, concentrando-se em seu interior. Culminou com a terceira fase, que durou meio século e na qual o excelso Guru brilhou como um radiante sol para todos que dele se aproximaram.

De acordo com estudiosos da sua vida, essas fases podem ser notadas apenas no que se refere à manifestação externa, visto que, segundo o próprio Ramana, “não

houve, absolutamente mudança ou desenvolvimento em seu estado de consciência ou experiência espiritual”.

Venkataraman, que já era chamado de Brahmana Swami, localizou-se em diferentes sítios, sempre mantendo a postura impecável de um Ser Realizado.

Ainda na plataforma dos pilares, o rapaz foi molestado por um grupo de meninos, que lhe atiraram pedras. Incomodavam-se com a visão daquele jovem mais ou menos da mesma idade que eles, permanecendo imóvel como uma estátua!

Um sadhu, chamado Seshadri Swami, que já residia em Tiruvannamalai há alguns anos, decidiu tomar conta dele. Tudo fazia para afastar os garotos agressivos, mas em vão.. Parecia que os meninos ficavam mais enfurecidos!

O jovem Swami deslocou-se, então, para outro local, mais protegido, o Patala Lingam, um vão subterrâneo, próximo, muito escuro, pois os raios solares nele nunca penetravam. Era rara a entrada de um ser humano naquele local. Só havia ali formigas, vermes e mosquitos, que subiam pelas pernas do Swami, que acabaram cheias de marcas de feridas com pus! Essas marcas ficaram para o resto de sua vida!

Embora essa permanência de algumas semanas naquele lugar terrível tenha sido o equivalente a uma descida ao inferno, o Swami não se perturbou, pois que permaneceu imerso na beatitude do Ser!...

Alguns fatos importantes ocorreram quando ele ainda se achava nesse lugar. Recebeu cuidados de uma piedosa senhora, que inclusive tentou levá-lo para sua casa, sem sucesso.

Uma tarde, apareceu por lá, Venkatachala Mudali, que se escandalizou com a situação do jovem Swami, vivendo ali em condições inumanas. Relatou para um sadhu que trabalhava, com alguns discípulos, em uma plantação de flores, próxima. Eles pegaram o jovem, levando-o para diante do templo de Lord Subramania. Venkataraman permaneceu imóvel todo o tempo!

Ele ficou por cerca de dois meses nesse local. Permanecia em samadhi, sendo-lhe, frequentemente, dado alimento na boca, e colocada coberta sobre seu corpo. Inicialmente, era-lhe dada uma mistura similar à usada para lavar o sacrário da Deusa Uma, composta de leite, água, açúcar, banana e outros ingredientes, que o Swami engolia sem reparar no gosto. Sabendo disso, o sacerdote ordenou que ao invés, fosse dado ao rapaz, todo dia, uma boa porção de puro leite.

Não tardou que o Brahmane Swami mudasse para o jardim do templo, um aprazível local, com árvores de vários tipos e dimensões. Aqui também ele permanecia imerso na felicidade do samadhi. Caminhava em transe, sem consciência de como tinha ido parar nesse ou naquele lugar.

Foi durante o festival que anualmente se realiza em Tiruvannamalai, ocasião em que uma luz é acessa no alto do Arunachala, em honra a Lord Shiva, que o já então

conhecido Brahmane Swami recebeu seu primeiro devoto regular, de nome Uddandi Nayinar, que tinha se dedicado a estudos espirituais mas não havia encontrado a paz. Ao ver o jovem Swami imerso em perpétuo samadhi, ele sentiu que ali estava a Realização que tanto almejava. Dedicou-se ao serviço ao Guru, na esperança de receber de Ramana a upadesa ou instrução espiritual. Mas ele jamais tentou quebrar o silêncio do Guru, que permaneceu em silêncio...


Um dia, um certo Annamalai Tambiran passou pela árvore sob a qual se achava o Swami, e ficou impressionado com sua serena beleza e quietude, passando a visitá-lo diariamente. Era um religioso que costumava andar pela cidade com alguns companheiros, cantando cantigas devocionais. Com o produto de seu trabalho, alimentava os pobres e fazia oferendas a um antigo Guru. Ocorreu-lhe, certa feita, que o jovem Swami ficaria melhor protegido em Gurumurtam, inclusive pela proximidade da estação fria. Sugeriu primeiro a outros amigos do jovem, que acharam boa a idéia, e só então colocou para o Swami, que consentiu.

Assim, em fevereiro de 1897, menos que meio ano após sua chegada a Tiruvannamalai, ele foi levado para Gurumurtam. Quase nada mudou em seu modo de vida. O chão estava infestado de formigas, mas o Swami não se importava com suas investidas e mordidas. Colocaram um pranchão para ele sentar-se, seus pés imersos em água, de modo que as formigas não podiam chegar. Mas o Swami recostava-se na parede, fazendo, assim, uma ponte por onde os insetos subiam!... Essa postura acabou fazendo uma permanente impressão na parede.

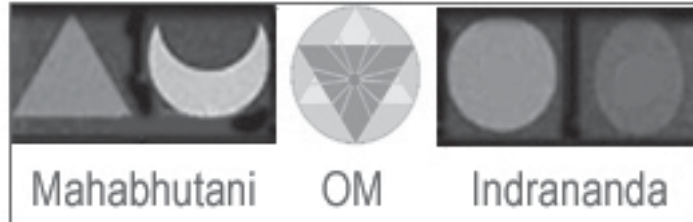
Foram muitos os visitantes que se deslocaram para Gurumurtam, para se prostrarem diante do Guru. A multidão cresceu tanto, que foi preciso construir uma paliçada de bambu em volta do assento, para pelo menos evitar que o tocassem. No princípio, Tambiran e Nayinar supriam o Swami com alimento, mas, em diferentes momentos, ambos foram embora, de sorte que ele ficou sem atendimento. A maior dificuldade não era supri-lo com alimento, que para isso havia um bom número de devotos, mas manter os curiosos à distância.

Não tardou a aparecer um novo servidor. Um sadhu chamado Palaniswami, que devotara sua vida à adoração do Deus Vinayaka, vivia uma vida muito austera, alimentando-se apenas uma vez por dia e sem usar condimentos. Alguém que tinha sabido de Ramana, sugeriu ao sadhu que, ao invés de continuar adorando uma estátua, poderia fazê-lo a um Guru em carne e osso, vivo. Palaniswami ficou impressionado ao conhecer o jovem Swami. Sentindo que ali estava aquele que o ajudaria a obter a Realização, passou a servi-lo, embora mantendo a adoração e o serviço que anteriormente prestara. Com o tempo, contudo, dedicou-se inteiramente a Ramana, obedecendo aos ditames de seu coração, permanecendo com ele por vinte e um anos.

JÓIAS DA NOVA DOCTRINA Inspirada por Ramana Maharshi

 **2.4. O Discípulo que quer seguir a Doutrina deve ter como meta principal a Vida Pura, sem cobiça, sem vaidade, porque ao fazê-lo, ele destrói a Ilusão. Ele pode viver no mundo sem, no entanto, se deixar levar nesse torvelinho. Viver acima dele, sem apego, com humildade e sabedoria.**

Estamos realmente onde fixamos nossa atenção. Se a fixarmos na matéria, os sentidos nos informarão, de acordo com a capacidade física de cada um, sobre as características do mundo fenomenal em que nos achamos encarnados. Mas se nos fixarmos atentamente, através da meditação, em nosso Interior, em tudo que transcende ou pode levar à transcendência da vida mundana, — conheceremos uma outra Realidade, compreendendo que este mundo da matéria não passa de uma grande Ilusão, diante da grandeza do Universo Cósmico. Sim, este mundo é uma grande Ilusão, mas existe em seu plano e tem uma finalidade: ser o palco onde se desenrola o grande drama da evolução humana. Nele o peregrino vive e atua, mas sem apego, sem se deixar levar pelas *tentações* e desvios de Mara e das *Ilusões* de Maya.



5. Simplicidade e devoção

Finalmente, instalado em terreno mais favorável, o jovem santo, embora mantendo a austeridade habitual, passou a receber visitas de pessoas interessadas na espiritualidade. O Swami acumula conhecimentos estudando em livros trazidos por discípulos. Sua família tenta, em vão, dissuadi-lo a voltar para perto dela.

O Swami negligenciou seu corpo físico ao extremo. A falta de banho dava-lhe um aspecto ruim. A pele assumiu uma coloração escura, e as unhas cresceram demais e recurvaram. Na verdade, ele estava no limite da resistência, precisando do auxílio das pessoas para se levantar e tentar caminhar. Manter-se de pé era uma grande dificuldade!



Antiga vista do Sacrário da Mãe. Sri Bhagavan de pé, à direita

Por haver atingido a União com o Supremo, o Swami era tratado como um Deus, utilizando-se de cânfora, sândalo, flores, libações e cânticos. Mas quando ele viu que Tambiran o estava tratando assim, deixou um recado, escrito a carvão na parede, perto da porção diária de alimento, dizendo: “Isto é serviço bastante para este”, significando que apenas comida deveria ser dada ao seu corpo.

Quando descobriram que o Swami sabia ler e escrever, começaram a tentar arrancar dele informação sobre suas origens. Um certo Venkatarama Iyer, contador do escritório

Taluq, na cidade, e que o visitava diariamente, passou a insistir em que o Swami escrevesse informando seu nome e local de origem. Para tanto, colocou diante dele, lápis e papel. Como não fosse atendido, após muito insistir, durante vários dias, disse, com firmeza que não comeria nem iria para o trabalho enquanto não fosse atendida sua pretensão. Só assim ele conseguiu! O Swami escreveu em Inglês: “Venkataraman, Tiruchuzhi”.

Seguiu-se um certo diálogo sobre a transliteração em Inglês, do nome Tiruchuzhi, do Tamil, e o Swami, vendo que ao escrever na folha de papel, fizera-o sobre um livro, o Periapuranam, dele conhecido e apreciado antes de seu despertar espiritual, folheou-o, buscando e mostrando a Venkatarama Iyer, uma passagem na qual Tiruchuzhi é mencionada como uma cidade cantada e honrada por Sundaramurti Swami.

Após pouco mais de um ano em Gurumurtam, em maio de 1898, o Swami mudou-se, com Palaniswami, para um pomar de manga, atendendo a proposta feita por seu proprietário, Venkatarama Naicker, visto que, podendo ser fechado, oferecia maior privacidade. O proprietário ordenou ao zelador que deveria impedir que alguém entrasse nas torres de vigia, por eles então ocupadas, sem expressa autorização de Palaniswami.

Foi nesse pomar que o Swami começou a acumular conhecimentos, tornando-se erudito, o que veio a ser de grande utilidade em seu posterior magistério. Tudo começou quando Palaniswami entrou a trazer livros de filosofia espiritual para estudar. Esses livros estavam escritos em Tamil, idioma que ele pouco conhecia. O Swami, vendo sua dificuldade, resolveu ler os livros e deles fazer resumos. Sua experiência espiritual capacitava-o ao entendimento instantâneo do que era exposto, e sua extraordinária memória tudo retinha. No decorrer desses trabalhos, acabou por aprender Sânscrito, Telegu e Maláio, lendo livros que lhe traziam, e respondendo a questões neles contidas.

A família de Venkataraman especialmente sua mãe, Alagammal, fez de tudo para localizar o ente querido, e finalmente conseguiu, graças aos esforços de seus cunhados, Subbier e Nelliappier. Afastada a hipótese de que o jovem teria se ligado a uma companhia teatral, que apresentava dramas religiosos tradicionais, a pesquisa estava paralisada, desde quando a mãe, tendo avistado um rapaz parecido com o filho, tinha sido completamente ignorada pelo rapaz. Decepcionada, com o que seria uma completa rejeição, voltou para casa, imersa em tristeza.

A esperança retornou em agosto de 1898, quando, nos funerais de Subbier, o tio na casa do qual, em Madura, Venkataraman havia morado, Nelliappier ouviu de um jovem que durante recente visita a um templo particular, em Madura, tinha ouvido um certo Annamalai Tambiran falar com grande reverência, de um jovem Swami em Tiruvannamalai. Inquirindo o jovem, soube que o tal Swami tinha vindo de Tiruchuzhi e que seu nome era Venkataraman. Imediatamente, Nelliappier partiu para o local, e

localizou, no pomar de mangas, seu tão procurado parente. Contudo, não lhe foi permitida a entrada no recinto, pois a ordem era não perturbar o Swami, que estaria praticando o silêncio (mouna). A solução foi pedir que fizessem chegar a ele um bilhete, no qual diziam que eram seus parentes, desejosos de com ele se comunicar.

O Swami permitiu a entrada dos visitantes, mas permaneceu indiferente, como de hábito. Sabia que um simples sinal de interesse os animaria a insistir em sua volta para casa!

Julgando que o Swami estava preso a um juramento de silêncio, Nelliappier dirigiu-se a Palaniaswami e Naicket, dizendo-se contente vendo seu sobrinho em tão elevado estado espiritual, mas que necessitava de cuidados higiênicos fundamentais, que não deveriam ser ignorados.

Com toda sua eloquência de pregador, Nelliappier argumentou que o Swami poderia mudar-se para Manamadura, perto de sua residência, onde continuaria com os votos de silêncio e austeridades, sem ser incomodado, mas tendo suas necessidades atendidas.

Mesmo diante das súplicas, o Swami permaneceu imóvel e em silêncio, como se nada houvesse ouvido. Assim, Nelliappier teve que reconhecer que falhou em seu intento de levar Venkataraman para perto da família. Escreveu, então, para Alagammal, contando a boa nova de ter achado seu filho, mas dando conta de seu completo desinteresse em voltar para o convívio dos familiares. Sabedora da recusa do filho, sua mãe não se conformou e, por ocasião do Natal, quando poderia contar com a companhia de seu filho mais velho, Nagaswami, partiu para Tiruvannamalai. Lá chegando, implorou ao Swami que voltasse para casa, mas tudo em vão... O fato de o Swami não ter atendido às súplicas de sua mãe, que chegou a chorar copiosamente, tendo até recebido a solidariedade de alguns discípulos, pode ser relacionado, em termos espirituais e filosóficos, com a postura de Jesus, que ao ser procurado por sua mãe, respondeu: “Mulher, que tenho eu a ver com você? Não sabe que tenho de atender aos assuntos de meu Pai?”. Esta tentativa da mãe aconteceu quando ele já se achava instalado num pequeno templo de Pavalakunru, para onde foi quando saiu de Arunagirinathar, a oeste do tanque de Ayyankulam, como veremos adiante.

Não querendo continuar dependendo de outros, ele decidiu que passaria a mendigar seu alimento. Propôs a Paniswami que cada um deles iria para direções opostas, atrás de comida. A partir de então, o Swami ia para diante das casas, batia palmas e permanecia em silêncio. Se lhe fosse dado algo de comer, ele recebia nas mãos em concha e comia ali mesmo.

Passado um mês, o Swami mudou-se para uma das torres do grande templo e seu *alari garden*. A esta altura, já era seguido por devotos. Mas ele ficou apenas uma semana nesse local, deslocando-se para Pavalakunru, um dos cantos orientais do Arunachala, permanecendo no templo lá existente.

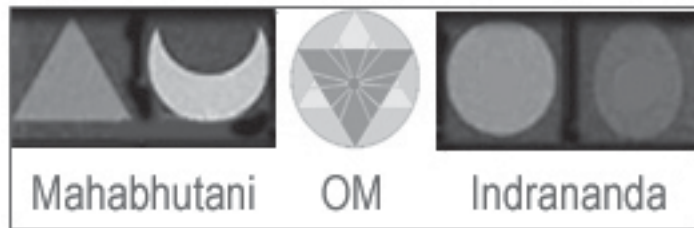
JÓIAS DA NOVA DOCTRINA Inspirada por Ramana Maharshi**2.11. O Sofrimento é decorrente da Ilusão, e nada mais é que o fruto do Apego. Conseguindo vencer essa barreira da Ilusão, o Discípulo passará ao Desapego, podendo viver segundo a Doutrina, neste mundo.**

Não é a matéria a realidade única; não é o corpo físico que define o homem real; não é a mente nem o ego que comportam a alma. Nada disso merece a nossa melhor atenção, pois são apenas ilusões que embotam o nosso sentido espiritual.

A Realidade escapa aos sentidos, embora os penetre; a Realidade está em toda parte, onipresente, totalizante...

Para apreendê-la, temos que nos libertar da matéria, do corpo físico e até dos demais corpos sutis.

No momento em que o peregrino se conscientizar da veracidade destas afirmações, passará a Meditar e, através deste processo, chegará à compreensão do que seja a Realidade.



6. Cuidar do mundo para ajudar ao próximo

Com o passar do tempo, a fama do jovem Swami ultrapassou os limites da região, atraindo muitos devotos. Iniciou uma nova fase em seu magistério superior, expondo a essência dos ensinamentos tradicionais aos discípulos e visitantes, já então conhecido como Bhagavan Sri Ramana Maharshi.

A vida do Swami entrou a sofrer alterações, após a partida de sua mãe. Durante pouco mais de dois anos e meio passados em templos e sacrários, em Tiruvannamalai, os primeiros sinais de volta a atividades externas estavam aparecendo... Começou a alimentar-se diariamente em horas certas, deixando também



de depender de outras pessoas para sair em busca de alimento. Começou a responder às perguntas dos devotos, a ler livros e a expor a essência de seus ensinamentos. Era uma grande mudança se lembrarmos que o Swami, quando chegou a Tiruvannamalai, estava e permaneceu ignorando o mundo e o corpo. Só comia

quando lhe davam alimento nas mãos ou na boca, e geralmente o estritamente necessário para sustentar o corpo. Isto foi considerado como *tapas*, ou penitência. Mas não seria o caso de Venkatamaran, pois, sendo *tapas* algo necessário quando ainda existe possibilidade de o indivíduo cair em indulgência ou apego ao corpo ou coisas da matéria, a ele não se aplicaria, estando liberto dessa condição.

Ele costumava observar que “Eu não comia, então diziam que eu jejuava; Eu não falava, então diziam que eu era um *mouni*”. Na verdade, o que ele fazia não era para alcançar a Realização, mas resultante de sua Realização. Ele também não era um *mouni*, no sentido explícito de um voto de silêncio para evitar contatos com os outros. O fato era que, não tendo mais necessidades mundanas, ele simplesmente não precisava falar... Ressaltando-se que, mantendo silêncio, evitava a perturbação de curiosos...

A imersão em samadhi muitas vezes fez com que o Swami perdesse, em alguns momentos, a consciência do mundo exterior. Numa reunião, ouvia o início de um cântico, mas somente voltava a ouvi-lo em seu final... Às vezes, abria os olhos e era

manhã; outras vezes era tarde e não sabia quando o sol tinha surgido ou chegado ao poente... Mas até nos primeiros meses em Tiruvannamalai, ele tinha plena observância dos eventos, que anos depois chegou a relatar com clareza.

Para os discípulos ele explicou os dois tipos de samadhi que podem ocorrer com o yogui.

Nirvikalpa samadhi, que é completa absorção no Ser, causando distanciamento do mundo da manifestação. É um transe não permanente de felicidade. Pode ser comparado, ilustrativamente, a um balde d'água que é baixado num poço. No balde há água (a mente), que, com o balde, imerge no poço (o Ser), mas a corda e o balde (o ego) ainda existem para trazê-la de volta.

Sahaja samadhi é o estado mais alto, completo e final. É pura e ininterrupta consciência, transcendendo os planos mental e físico, mantendo, contudo, plena consciência do mundo manifestado, e pleno uso das faculdades físicas e mentais. Um estado de perfeito equilíbrio, perfeita harmonia, além até da felicidade. Pode ser comparado com as águas de um rio, mergulhadas nas do oceano. Neste estado, o ego, com todas suas limitações, é dissolvido para sempre... É absoluta liberdade, pura consciência, sem as limitações do corpo ou da individualidade.

Como vimos, transcorreram mais de dois anos de sua chegada a Tiruvannamalai para que o Swami passasse a viver na montanha. Até então ele tinha morado em sacrários e templos. Somente no final do ano de 1898 ocupou ele o pequeno templo em Pavalakunru, onde passou, séculos atrás, o Santo Rishi Gautama, o Buda, e onde sua mãe o encontrou. Ele nunca mais deixou o Arunachala. Mudou-se para uma caverna na montanha e, a partir daí, permaneceu numa ou em outra até o ano de 1922, quando se transferiu para o sopé da montanha. Nesse local cresceu o Ashrama, no qual ele viveu o resto de sua vida. Na montanha, ele passou a maior parte do tempo na parte oriental, enquanto o Ashrama fica ao sul, justo ao lado de Dakshinamurti *mantapam* (entrada de pedra).

Virupaksha era o nome da caverna. Este nome foi dado em honra a um Santo que morou e foi enterrado lá, provavelmente no século dezesseis. Ela tem, curiosamente, a forma de um OM. Diz-se que, no recesso da caverna, onde está o túmulo, pode-se ouvir o som do monossílabo sagrado. Porque essa caverna fica opressivamente quente no verão, o Swami mudou-se provisoriamente para outra, próxima, perto do tanque Mulaipal Tirtha. Mais fresca e com uma fonte de água própria para beber, essa caverna, encimada por uma mangueira que lhe dá sombra, é chamada de Caverna da Mangueira. Dois irmãos, devotos, cuidaram de ajeitar as pedras e construíram uma parede frontal, com porta, de modo que o Swami pode ocupar o local durante os meses de calor. A vida do Swami, se comparada com o início de sua localização em Tiruvannamalai, sofreu sensível alteração.

Se no início ele ficava imóvel e indiferente, passou a mostrar-se como se fosse uma outra pessoa, normal e humana. Agia de modo natural, livre de constrangimentos, de modo que o visitante logo se sentia à vontade com ele. Conversava com humor, e ria descontraidamente, como uma criança, de modo que mesmo os que não entendiam a língua usada, ligavam-se a ele.

Quando se estabeleceu um ashrama regular, ele passou a providenciar para que tudo fosse limpo e bem cuidado. A rotina transcorria tão exatamente como a de um moderno escritório. Evitava-se o desperdício de comida e de material. E simplicidade era a tônica do Guru.

Nos primeiros anos na montanha, Sri Bhagavan mantinha silêncio. Sua potente radiação já havia atraído um grupo de devotos, estabelecendo-se o Ashrama. Não apenas buscadores da verdade, pesquisadores, mas pessoas simples, crianças, e até animais, vinham ao seu encontro, subindo até à Caverna Virupaksha. Sentavam-se perto dele, brincavam e partiam, sentindo-se felizes. Esquilos e macacos vinham comer de suas mãos.

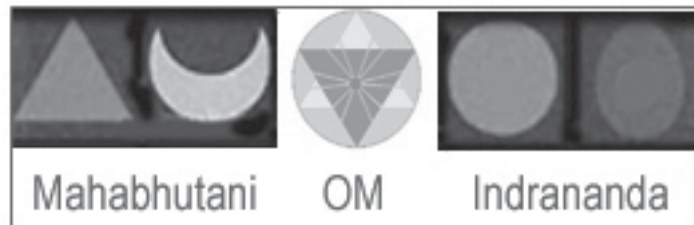
O ensino silencioso era uma influência espiritual direta, que a mente absorvia e mais tarde interpretava de acordo com sua habilidade. Um visitante europeu, um dia descreveu-a assim: “Chegando à caverna, sentamo-nos diante dele, a seus pés, e nada dissemos. Sentamo-nos lá por muito tempo, e eu me senti fora de mim. Por meia hora, olhei dentro dos olhos do Maharshi, que nunca perderam sua expressão de profunda contemplação. Comecei então a captar algo como ser o corpo Templo do Espírito Santo; senti que seu corpo não era o homem mas um instrumento de Deus”.

JÓIAS DA NOVA DOCTRINA Inspirada por Ramana Maharshi

4.11. No Caminho do Conhecimento -- Sabedoria -- o Discípulo medita, conhece o seu Ser, e vislumbra duas vertentes. Na *vertente do Agir*, a liberdade de ação leva-o a entender que o Conhecimento Espiritual não o torna incapaz de viver no mundo material, mas sim de situar-se acima dele, praticando a maneira correta de agir. Na *vertente da Sabedoria — meditação* — ele adquire Conhecimentos Superiores que o tornarão capaz de evoluir a ponto de obter o Nirvana — podendo ainda, se o quiser, regressar ao mundo para ajudar outros a também alcançarem essa Beatitude.

Diferentemente dos que postulam uma vida ascética, apartada do mundo material, nós entendemos que uma atuação consciente e desvinculada pode ser aí desenvolvida, com reais benefícios para todos. Apenas é preciso que o Discípulo utilize a capacidade de viver simultaneamente nos dois mundos, dando primazia ao espiritual.

Assim, não interrompe sua trajetória rumo à total Realização, e ainda ajuda outros a ingressarem e evoluírem na Senda.



7. Um ashrama mais acolhedor

Com o crescente interesse de pessoas do exterior, que queriam conhecer o Guru, surgiu a necessidade de se providenciar condições favoráveis à recepção dessas pessoas, alojando-as com o conforto a que estavam habituadas. O Ramanasramam foi sendo, então, adaptado a essa nova condição, sendo hoje um local completo e confortável para receber visitas de todo o mundo, e equipado para a divulgação dos ensinamentos, usando modernos meios de comunicação.

Quando Bhagavan exalou o último suspiro, na noite de 14 de abril de 1950, um jornalista estrangeiro observou que um brilhantíssimo cometa riscou os céus... Todos acharam que era o Grande Ser deixando uma derradeira mensagem, na caminhada transcendental!... Todavia Ramana Maharshi não saiu de Arunachala, pois, segundo disse, uma vez: *Para onde iria Eu?* Sendo um Ser Planetário, Bhagavan Sri Ramana Maharshi está em toda parte, especialmente nos corações de seus devotos.

O progresso do Ramanasramam, desde 1922, quando devotos seguiram o Guru para o sopé da montanha de Arunachala, foi notável, graças às contribuições regulares de um número cada vez maior de visitantes e novos devotos.

As dependências foram aprimoradas, assim como criadas condições cada vez mais modernas e eficientes de comunicação.



O Sacrário Samadhi de Sri Bhagavan, hoje

Hoje, o Ramanasramam cumpre maravilhosamente suas finalidades. Além de receber visitantes de todas as partes do mundo, suas publicações e seu site na Internet contribuem para difundir os ensinamentos do excelso Guru.

A crescente complexidade da sede, em termos de planejamento e gerenciamento exigia uma competente direção, o que foi providenciado.

Do site oficial do Ramanasramam, na Índia, colhemos informações com o objetivo de dar uma idéia da evolução material da Instituição, visando a oferecer facilidades aos visitantes e aprimorar a comunicação com o mundo.

Embora a presença física de Sri Maharshi não mais esteja enchendo de graça o Ashrama, sua presença espiritual está viva como sempre, de modo que devotos e aspirantes que sintonizam com o ensino silencioso, podem obter considerável benefício de uma visita ao Ashrama.

UMA VISITA AO SRI RAMANASRAMAM

(traduzido e adaptado do website do Ramanasramam)



TIRUVANNAMALAI - A cidade de Tiruvannamalai, a 120 milhas a sudoeste de Chennai, situa-se no ramal de Villupuram-Katpadi da Southern Railway. Ônibus a conectam aos mais importantes lugares num raio de cerca de 130 milhas. Taxis também estão disponíveis para visitantes, dirigindo-se ao Ashram de diferentes pontos no Sul da Índia. Sri Ramanasramam está situado a uma distância de duas milhas da estação ferroviária, e do principal terminal rodoviário que é conhecido como Chengam Road.



ENTRANDO NO ASHRAMA - Depois de passar sob o arco que anuncia o nome do Ashram, o visitante cruza a extensa área aberta flanqueada por árvores frondosas, uma das quais é bem grande, com 400 anos de idade.



O NOVO SALÃO - O que aqui logo atrai a atenção são uma estátua no tamanho natural, de Sri Maharshi e um grande assento, belamente esculpido numa rocha e polido, para assemelhar-se a mármore negro. O salão destinou-se a acomodar um cada vez maior número de devotos.

TEMPLO MATRUBHUTESWARA - A porta na parede ocidental do Novo Salão conduz ao Matrubhuteswara Shrine. Este sacrário foi construído sob a supervisão pessoal de Vaidyanatha Stapati, um famoso escultor e arquiteto de templos. O Garbha Griha (sanctum sanctorum) contém um sagrado Siva Linga e um Sri Chakra Meru santificados pessoalmente por Sri Maharshi. Uma adoração especial conhecida como Sri Chakra Puja realiza-se aqui toda sexta-feira, dias de lua cheia e todos os primeiros dias dos doze meses solares. Nas paredes externas estão imagens esculpidas de Dakshinamurti, Lingodbhava Murti, Vishnu e Lakshmi. nos cantos do sudoeste e do noroeste encontram-se dois pequenos sacrários dedicados aos deuses Ganesha e Subrahmanya, respectivamente. Há um sacrário similar dedicado a Chandikeswara no lado norte. Os Nava Grahas localizam-se a nordeste. Os pilares que suportam o teto contém imagens de deuses e deusas.



SRI MAHARSHI SAMADHI - Saindo do sacrário da Mãe, ao norte, chega-se ao sacrário construído sobre o túmulo de Sri Maharshi. Consiste de uma larga plataforma com uma torre, que a encima. Quatro grandes pilastras esculpidas em granito, semelhante mármore negra, suportam esta torre. As esquadrias são igualmente escavadas e polidas. Um loto de mármore branca adorna o seu centro, e acima dela está instalado um Siva Linga. Um espaçoso salão para meditação envolve este sacrário.

O ANTIGO SALÃO - Passando pela porta do Samadhi Hall no lado norte, chega-se ao Antigo Salão. Este, que, com o Nirvana Room, é visto como ponto santificados pela presença do Maharshi. Aqui, milhares de devotos tiveram seu darshan. Foi no assento, neste salão, que ele passou quase todo seu tempo, desde um ano até seu passamento. Aqui muitos potente paz que emanava de sua presença. Até hoje o Antigo Salão permanece como um lugar favorito para meditação.



O SALÃO DE JANTAR - O Salão de Jantar e sua nova extensão podem acomodar cerca de 800 pessoas, e a cozinha pode fazer, em ocasiões especiais, como no Jayanti (aniversário de Sri Maharshi), refeições para não menos que três mil pessoas. O local onde Sri Maharshi costumava sentar-se para suas refeições, tem uma grande fotografia dele, numa plataforma de mármore. Há uma passagem que conduz ao Veda Patasala ou internato, onde rapazes são ensinados a cantar os Vedas, e leva aonde são guardadas as vacas.

O SALÃO NIRVANA - O pequeno Salão Nirvana está a leste do Novo Salão e a norte do escritório, é nele que Sri Maharshi passou seus últimos dias, sendo assim um ponto visto com especial reverência. Ao sul deste ponto sagrado e diante do Templo da Mãe, situa-se o sacrário erigido sobre o samadhi de Sri Niran-janananda Swami, o irmão mais jovem do Maharshi e Sarvadhikari ou gerente do Ashram por toda sua vida. Um belo canteiro de coqueiros flanqueia este local, e o Salão Nirvana, espalhando-se para o leste.

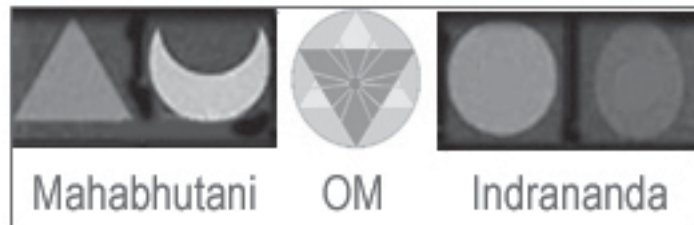
JÓIAS DA NOVA DOCTRINA Inspirada por Ramana Maharshi

6.9. O isolamento, conquanto necessário em muitas ocasiões, não deve ser a constante do servidor do mundo, do Boddisattwa, pois, para que cumpra com sua elevada Missão, precisa unir-se aos semelhantes e, também, de alguma forma, aos demais — a fim de atingir os objetivos colimados.

A união com os semelhantes, que todos devemos realizar, não significa que devemos nos deixar levar pela caudal da vida material, dos usos e prazeres mundanos.

Uma compreensão clara do que significa viver com o povo, mas não se submeter aos seus ditames, necessidades, prazeres e vicissitudes, deixa claro o Caminho a ser trilhado pelo Discípulo, pelo Bodhisattwa, que vive no mundo para trabalhar por sua redenção, não para a ele se sujeitar.

Servidor do mundo, sim, mas de um mundo que busca a regeneração, voltando-se para as coisas espirituais, necessitando portanto, conhecer e viver a Verdadeira Doutrina.



PARTE 2 - OS ENSINAMENTOS

1. A verdadeira Renúncia

Uma questão que suscita muitas dúvidas refere-se ao ato de renunciar à vida mundana. Muitos pensam que abandonar o lar e o trabalho seja facilitador de sua vida espiritual, em termos de liberdade para se dedicarem ao auto-aperfeiçoamento. Sri Bhagavan elucida tais dúvidas, de modo claro e definitivo.

Embora o ato de renunciar à família e à propriedade seja considerado um importante passo em direção à Liberação, muitas perguntas foram feitas a Sri Bhagavan a este respeito. Sri Bhagavan sempre desencorajava tal renúncia. Aqui ele explica que



renúncia não é retirada, mas um aumento de amor.

Devoto: Estou inclinado a deixar meu trabalho e ficar sempre com Sri Bhagavan.

Bhagavan: Bhagavan está sempre com você, em você. O Ser em você é Bhagavan. É isto que você deve entender.

D: Mas sinto a urgência de desistir de todos os liames e renunciar ao mundo como um sannyasin.

B: Renúncia não significa desprendimento de roupas e assemelhados, ou abandono de lar. A verdadeira renúncia é a renúncia de desejos, paixões e liames.

D: Mas a devoção com a mente exclusivamente direcionada a Deus pode não ser possível, a menos que se abandone o mundo.

B: Não; aquele que verdadeiramente renuncia, realmente lança-se ao mundo e expande seu amor para abarcar todo o mundo. Seria mais correto descrever a atitude do devoto como amor universal do que abandono do lar para usar o hábito de monge.

D: No lar, os laços de afeto são demasiadamente fortes.

B: Aquele que renuncia quando ainda não está maduro para isso, somente cria novos laços.

D: Não é a renúncia o supremo meio de quebrar laços?

B: Pode ser assim para aquele cuja mente já está livre de embaraços. Mas você não pegou o mais profundo motivo da renúncia: grandes almas que abandonaram a vida do mundo, fizeram-no não por aversão à vida familiar, mas por conta de seu imenso amor pela humanidade e todas as criaturas.

D: Os laços de família terão que ir, um dia, então por que não tomar a iniciativa e quebrá-los agora, para que meu amor seja igual para todos?

B: Quando você realmente sentir aquele amor igual por todos, quando seu coração tenha se expandido a ponto de abarcar toda a criação, você certamente não se sentirá desistindo disto ou daquilo, você simplesmente sairá da vida secular como um fruto maduro o faz do galho da árvore. Você sentirá que o mundo inteiro é seu lar.

Alguns se surpreendem com as respostas do Guru, pois contrariam os pontos de vista tradicionalmente aceitos. É certo que as verdades espirituais não variam, mas os Mestres costumam assumir diferentes modos de treinamento, adaptados aos novos tempos...

Nada impede que homens de negócios, doutores, funcionários públicos, operários, advogados, engenheiros, enfim profissionais de todas as espécies, ligados de uma maneira ou de outra à vida e modos da uma moderna cidade, busquem a Liberação.

O Guru sempre ressaltou que a verdadeira renúncia está na mente, e que não pode ser obtida por meios físicos, nem impedida por sua falta.

Sinta-se um chefe de família ou um renunciante, habite numa cidade ou na floresta, você levará para onde for a idéia de ser isto ou aquilo, em completa dissonância com o que pretende um verdadeiro buscador da Verdade, um investigador da Realidade. Esta, transcende a matéria, e deve ser procurada pelos métodos espirituais, pela prática do yoga, da meditação.

De nada adianta você mudar de ambiente, deixar a cidade e embrenhar-se na mata, com a intenção de obter a Iluminação, ou de conhecer o Ser. Isto só será possível olhando para dentro, para o seu interior, e fazendo as afirmações e as indagações propostas pela Mahayoga:

“Eu não sou este corpo!” “Eu não sou esta mente!” “Quem sou Eu?”

JÓIAS DA NOVA DOUTRINA Inspirada por Ramana Maharshi

4.5. Fatores externos, que ocasionam uma felicidade relativa, ou ilusória, provocados pelo egoísmo, o apego, a vaidade, que compõem o EGO — são causadores de sofrimento, mas se o Discípulo voltar-se internamente para o seu Ser, isto não acontecerá, pois alcançará a Felicidade Real.

Alimentando o Ego, o peregrino pode vir a experimentar grande alegria e satisfação, pois o mesmo se expandirá, dando-lhe esta impressão de felicidade e realização. Mas isto é ilusório, se o analisarmos do ponto de vista da Doutrina, visto que o progresso egoístico se opõe à transcendência.

Existe um progresso do Ego que está de acordo com a Doutrina. É aquele em que o Ego se liberta do apego e da vaidade, passando a cultivar as virtudes da Via Octupla, os Oito Caminhos da Perfeição. Mas nesse caso diz-se que se está “matando o Ego” porque todas aquelas características denominadas “egoísticas” se dissipam, dando lugar às virtudes da Excelsa Via.

Um novo homem surge, assim, livre das mazelas estioladoras, — unificado com o seu Ser Superior, verdadeira fonte de alegria e prazer.



2. Quem sou Eu?

Esta é a pergunta fundamental, que o estudante deve fazer a si mesmo. Ciente de que não é o corpo nem a mente, ele quer conhecer a si mesmo, saber da sua Essência, que naturalmente transcende à matéria e aos seus produtos intelectuais. Sri Bhagavan diz como fazê-lo.



Aqui estão os pés do Guru, Bhagavan Sri Ramana Maharshi, em cujo lotus queda-se, humildemente, o discípulo, na busca da Auto-Realização.

Não é natural para todos os seres o senso do EU, expresso em todos os seus sentimentos como Eu vim, Eu fui, Eu fiz, Eu estava? Questionando o que isto é, concluímos que o corpo é identificado com o EU porque movimento e funções similares pertencem ao corpo. Pode o corpo, então, ser este EU-Consciência? Ele não existia antes do nascimento, ele é composto dos cinco elementos, ele é ausente no sono, e fatalmente torna-se um cadáver. Não, ele não pode ser este senso de EU que surge no corpo no tempo certo, é chamado de ego, ignorância, ilusão, impureza ou ser individual.

O propósito de todas as Escrituras é esta pesquisa (sobre o Ser). Declara-se nelas que a aniquilação do ego-sentido é Libertação. Como então pode alguém permanecer indiferente a este ensinamento? Pode o corpo, que é insensível como um pedaço de madeira, brilhar e funcionar com o EU? Não! Portanto, abandone este corpo inconsciente, como se fosse realmente um cadáver. Nem chegue a murmurar EU, mas pesquise profundamente, no interior, o que é que agora brilha dentro do coração como EU.

Sob o incessante fluxo de variados pensamentos, destaca-se a contínua, inquebrável consciência, silenciosa e espontânea, como EU-EU no Coração. Se alguém dele se apossar e permanecer silencioso, ele aniquilará completamente o sentido de EU no corpo, e ele próprio desaparecerá, como o fogo da cânfora que se queima. Os sábios e as escrituras proclamam que isto é Libertação.

O veu da ignorância não pode esconder o Ser completamente. Como poderia? Até o ignorante não deixa de falar sobre ele. Apenas esconde a Realidade, Eu sou o Ser ou Eu sou pura Consciência, e confunde o Eu com o corpo. O Ser é auto-refulgente. Não é preciso fazer-lhe um retrato mental. O pensamento que o imagina é, ele próprio, apenas um laço, pois o Ser é a Efulgência que transcende as trevas e a luz; não se deve pensar sobre ele com a mente. Tal imaginação terminará em laço, enquanto que o Ser brilha como o Absoluto.

Esta pesquisa sobre o Ser em meditação devocional evolui para o estado de absorção da mente no Ser e conduz à Libertação e inefável Beatitude. Os grandes sábios tem declarado que somente com a ajuda desta pesquisa devocional sobre o Ser, pode a Libertação ser alcançada. Porque o ego na forma do pensamento Eupenso é a raiz da árvore da ilusão, sua destruição derruba a ilusão, mesmo que a árvore seja derrubada pelo corte de suas raízes. Este fácil método de aniquilar o ego pode ser chamado de *bhakti* (devoção), *jnana* (conhecimento), *yoga* (união), ou *dhyana* (meditação).

Esta corrente de consciência, apoiada por contínuo esforço, cresce cada vez mais forte e mais constante, até que finalmente conduz à Auto-realização, ao *sahaja samadhi*, o estado no qual pura e desperta beatitude é constante e ininterrupta e contudo sem impedir a percepção normal e as atividades da vida. É raro, contudo, obter esta comunhão, durante a vida na Terra. No caso de Sri Bhagavan, aconteceu poucos meses depois, e sem pesquisa, sem esforço, sem consciente preparação. Ele próprio descreveu-a:

“Foi há cerca de seis semanas antes de ter deixado Madura que a grande mudança em minha vida ocorreu. Foi muito repentina. Eu estava sentado sozinho num quarto no primeiro andar da casa de meu tio. Eu raramente ficava doente, e naquele dia nada de errado havia com minha saúde, mas um repentino e violento medo da morte tomou conta de mim. Nada havia em meu estado de saúde para explicar o que estava acontecendo, e eu não tentei fazê-lo, nem descobrir se havia qualquer razão para sentir medo. Eu simplesmente senti “Eu vou morrer” e comecei a pensar no que fazer em relação a isto. Não me ocorreu consultar um médico ou os mais velhos, ou amigos; senti que deveria resolver o problema por mim mesmo, lá e então. O choque do medo da morte conduziu minha mente para dentro, e eu disse para mim mesmo, mentalmente, sem realmente arrumar as palavras: ‘Agora chegou a morte; o que significa? O que é que está morrendo? Este corpo morre. E imediatamente comecei a dramatizar a ocorrência da morte. Deitei-me, com os braços estendidos, rígido como se o *rigor mortis* houvesse se estabelecido, e imitei um cadáver, para dar maior realidade à pesquisa. Prendi a respiração e mantive os lábios comprimidos, para evitar o escapar de ar, de modo que nem a palavra EU, nem qualquer outra pudesse ser pronunciada. Bem, então, disse para mim mesmo: este corpo está morto. Ele será carregado para crematório, e será reduzido a cinzas.

Mas com a morte deste corpo, estou morto? É o corpo EU? ele está silente e inerte, mas eu sinto a plena força de minha personalidade e até a voz do EU dentro de mim, apartado dele. Então eu sou um Espírito que transcende o corpo. O corpo morre, mas o Espírito que o transcende não pode ser tocado pela morte. Isto significa que eu sou o Espírito imortal. Tudo isto não foi um simples pensamento, mas flamejou

por mim, como vívida verdade, que percebi diretamente, quase fora do processo de pensar. 'EU' era algo muito real, a única coisa real em meu presente estado, e toda atividade consciente conectada a meu corpo centrou-se naquele EU. Daquele momento em diante, o EU ou Ser focou a atenção em si próprio, devido a um poderoso fascínio. O medo da morte tinha desaparecido de uma vez por todas. A absorção no Ser continuou, contínua, daí por diante. Outros pensamentos podiam vir e partir, como as várias notas de uma partitura musical., mas o EU continuava como a nota fundamental que é base e que se junta a todas as outras. Estivesse o corpo ocupado em falar, ler, ou outra qualquer coisa, eu permaneceria centrado no EU. Antes daquela crise, eu não tinha uma percepção clara do meu Ser, e não estava conscientemente atraído para ele. Não tinha interesse perceptível ou direto por ele, muito menos qualquer inclinação para nele permanentemente habitar. Assim simplesmente descrito, sem pretensões ou verborragia, a presente realização pode parecer não diferir de egoísmo, mas isto é devido somente à ambiguidade das palavras EU e SER. A diferença é mostrada na atitude em relação à morte, pois aquele cujo interesse estiver centrado no ego, no Eu como um ser individual separado, tem um pavor à morte que ameaça a dissolução do ego, enquanto que aqui o medo da morte desapareceu para sempre, na realização de que Eu era um com o Ser universal e imortal, que é o Espírito e o Ser de cada homem. Até mesmo dizer que ele sabia que era Um com o Espírito é inadequado, desde que sugere um separado Eu que o conhece, enquanto que o Eu nele era, conscientemente, ele próprio o Espírito.

Anos mais tarde, a diferença foi exposta por Sri Bhagavan a Paul Brunton, um pesquisador ocidental, que veio a se tornar um dos mais famosos expositores dos ensinamentos do Mestre. (in: Ramana Maharshi and the Path of Self-Knowledge - capítulo 2 - Despertando. - Arthur Osborne - Ramanasramam, Índia, 2002).

Brunton: O que exatamente é o Ser do qual o senhor fala? Se o que o senhor diz é verdadeiro, deve haver outro ser no homem.

Sri Ramana: Pode um homem ter a posse de duas identidades, dois seres? Para compreender esta matéria é preciso antes que o homem analise a si mesmo. Por causa do antigo hábito de pensar como os outros, ele nunca encarou seu Eu de modo correto. Ele não tem um retrato correto de si mesmo. Ele tem por muito tempo se identificado com o corpo e o cérebro. Portanto eu lhe digo que persiga esta investigação: Quem sou Eu?.

Você me pede que descreva este Ser. O que pode ser dito? É aquilo do qual o sentido do Eu pessoal surge, e no qual ele terá que desaparecer.

Brunton: Desaparecer? Como pode alguém perder o sentido de sua personalidade?

Sri Ramana: O primeiro e mais importante de todos os pensamentos, o pensamento primário na mente de cada homem é o pensamento do Eu. É somente

após o nascimento desse pensamento que qualquer outro pode surgir. É somente depois que o pronome pessoal Eu tenha surgido, na mente, que o segundo pronome pessoal, Você, pode aparecer. Se você puder mentalmente seguir a trilha do Eu até que ela o conduza à sua fonte, você descobrirá que, assim como ele é o primeiro pensamento a surgir, é também o último a desaparecer. Esta é matéria que pode ser experimentada.

Brunton: O senhor quer dizer que é possível conduzir-se tal investigação mental para o interior de si mesmo?

Sri Ramana: Certamente. É possível interiorizar-se até o último pensamento, EU, gradualmente desaparecer.

Brunton: Então, o que permanece? Então o homem ficará totalmente inconsciente ou se tornará um idiota?

Sri Ramana: Não; ao contrário, ele alcançará aquela consciência que é imortal, e se tornará verdadeiramente sábio, ao acordar para seu verdadeiro Ser, que é a verdadeira natureza do homem.

Brunton: Mas certamente o sentido do EU deve também pertencer a isto?

Sri Ramana: O senso do EU pertence à pessoa, ao corpo e ao cérebro. Quando o homem conhece seu verdadeiro Ser, pela primeira vez, algo mais surge das profundezas de seu ser, e toma posse dele. Esse algo está por detrás da mente; é infinito, divino, eterno. Algumas pessoas chamam-no o Reino dos Céus, outros chamam-no de alma, e outros, de Nirvana, e os hindus chamam de Libertação. Você pode dar-lhe o nome que quiser. Quando isto acontece, o homem não terá realmente se perdido, pelo contrário, terá achado a si mesmo. A menos que, e até que, o homem embarque nesta pesquisa do Ser Real, a dúvida e a incerteza seguirá suas pegadas, pela vida afora... Os maiores reis e governantes tentam aplicar regras nos outros quando em seus corações sabem que não podem governar a si próprios. Contudo o maior poder está ao comando do homem que penetrou em sua maior profundidade... Qual a utilidade de saber sobre tudo mais quando você ainda não sabe quem você é? Os homens evitam esta pesquisa sobre o verdadeiro Ser, porém o que é mais merecedor de ser empreendido?

Esta pesquisa total leva cerca de meia hora, e contudo é da maior importância para nós, que seja uma pesquisa de vida, uma luta na busca da luz, e não um despertar sem esforço, pois um Guru normalmente guia seus discípulos ao longo da senda que ele mesmo palmilhou.

O fato de que Sri Bhagavan completou em meia hora não meramente a pesquisa de uma vida, mas de muitas, não altera o fato de que foi uma luta de Auto-pesquisa, tal como ele mais tarde colocou para seus seguidores. Ele lhes avisou que a consumação no sentido do que ela conduz não é normalmente alcançada rapidamente mas após longos esforços, porém ele também disse que é “o único meio infalível, o único direto para realizar o incondicional, absoluto Ser, que você realmente é”. (*Maharshi's Gospel*, Parte II).

Ele disse que esse meio aciona imediatamente o processo de transmutação, embora ele possa ser longo, antes que isto esteja completo. “Mas no momento em que o ser egóico tenta conhecer-se, começa a participar cada vez menos do corpo, no qual está imerso, e mais e mais da consciência do Ser”.

É também significativo que, embora nada conheça da teoria e da prática da sadhana, Sri Bhagavan usou, de fato, pranayama ou controle da respiração, como auxiliar para ajudar na concentração. Ele também o admitiu como legítimo auxiliar no sentido de se obter completo controle, embora ele tenha desencorajado seu uso exceto para aquele propósito, e nunca dele tenha realmente gostado.

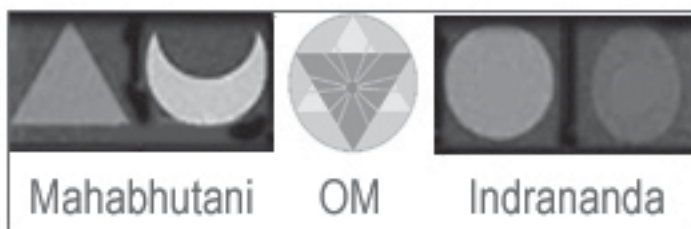
“Controle da respiração pode também ajudar. É um dos vários métodos que podem nos ajudar a obter a fixação num único ponto. O controle da respiração pode também nos ajudar a controlar a mente que vagueia e fixar-nos em um único ponto, e pode, portanto, ser usada. Mas não se deve parar aí. Após obter controle da mente, através dos exercícios de respiração, não se deve descansar satisfeito com qualquer experiência que possa ocorrer, mas deve-se orientar a mente controlada para a questão: *Quem sou Eu?* até que a mente mergulhe no Ser.”

JÓIAS DA NOVA DOCTRINA Inspirada por Ramana Maharshi

5.5. A abundância de conhecimentos e da Verdadeira Doutrina é o que de mais precioso o Peregrino deve carregar na sua bagagem – do Ser Superior, o Eu Sou, para adquirir a maior riqueza que é a transcendência, que o transformará no Ser Espiritual de consciência plenamente voltada para semear pela Humanidade os ensinamentos da Nova Era.

Que o Discípulo não tenha dúvidas: o Conhecimento da Nova Doutrina, com a Realização que coroa os esforços empregados no autoaperfeiçoamento, é a mais preciosa das jóias que o ser humano pode obter. Não há qualquer perda a lamentar, seja em termos de percepção de TODAS as Realidades, seja deste mundo ou do além, pois, embora situado acima da matéria e mesmo por causa disso, o Discípulo, ao alcançar o estado búdico, abarcará, com sua supervisão, todo o Universo.

A mente condicionada é totalmente incapaz de apreender esta Realidade, e portanto, de compreender *in totum* o que ensina o Guru, -- assim, é através da prática da meditação e dos demais ensinamentos que ele vai finalmente saber avaliar o grande tesouro da verdadeira vida espiritual, que conhecerá e divulgará.



3. A Mente

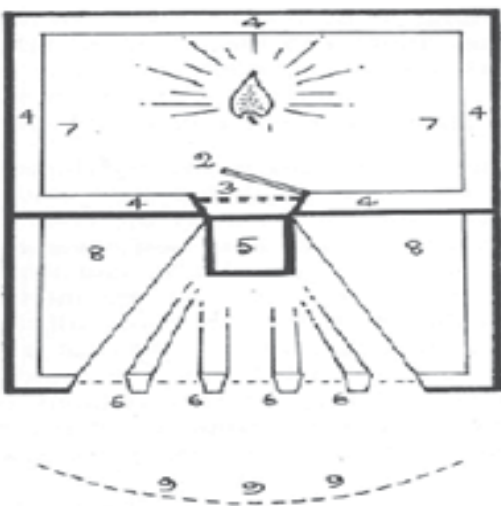
Aqui, o Sábio de Arunachala explica brevemente a natureza da mente, seus estados e localização. Trata-se de ensinamento fundamental para que, entendendo o mecanismo da mente, possa o discípulo agir de modo a transcender o corpo e a mente, chegando à Auto-Realização.

De acordo com as Escrituras hindus, uma entidade conhecida como a mente, deriva-se da sutil essência do alimento consumido, que floresce como amor, ódio, ânsia e assim por diante, a qual é o total da mentalidade, do intelecto, dos desejos e do ego; que, embora tenha diversas funções, leva o nome genérico de mente, a qual é objetivada como os insensíveis objetos por nós reconhecidos; que, embora ela própria insensível, parece ser sensível, sendo associada com Consciência, assim como uma peça de ferro incandescente parece ser fogo; na qual o princípio de diferenciação é inerente; a qual é transitória e possuída de partes capazes de serem moldadas em qualquer forma, como laca, ouro ou cera; que é a base de todos os princípios-raízes (tattvas); que está localizada no Coração como a visão no olho, e a audição no ouvido; que dá seu caráter para o ser individual e que, ao pensar sobre o objeto já associado com a consciência refletida no cérebro, assume uma forma-pensamento; que está em contato com aquele objeto através dos cinco sentidos operados pelo cérebro, que apropria tal conhecimento para si mesmo, com o sentimento “Eu reconheço tal e tal”, desfruta do objeto e é finalmente satisfeita.

Pensar se uma determinada coisa pode ser comida é uma forma-pensamento da mente. “É bom. Não é bom. Pode ser comida. Não pode ser comida” noções discriminadoras como estas constituem o intelecto discriminador. Porque a mente somente constitui o princípio-raiz manifestando-se como as três entidades de ego, Deus e mundo, sua absorção e dissolução no Ser é a emancipação final conhecida como Kaivalya, que é o mesmo que Brahma.

Os sentidos, sendo localizados externamente como auxiliares para o conhecimento de objetos, são exteriores; a mente, sendo interna, é o sentido interno. No interior e no exterior são relativos ao corpo; eles não tem significância no Absoluto. Para o propósito de mostrar que o inteiro objetivo do mundo é interior e não exterior, as Escrituras descreveram o Cosmos como sendo moldado como o loto da Cabeça. Mas isto não é outra coisa senão o Ser. Assim como a caixa de cera do ourives, embora contenha por algum tempo, pepitas de ouro em seu interior, mantém as características de um simples pedaço de cera, todos os indivíduos mergulhados na negra ignorância (avidya), ou no veu universal (maya), reconhecem somente sua inconsciência em seu sono. No sono profundo, os corpos físico e sutil, embora envolvidos pelo negro veu, ainda se quedam imersos no Ser. Da ignorância surge o ego -- o corpo sutil. A mente deve ser transformada no Ser.

A mente é, em realidade, somente consciência, porque é pura e transparente natureza: nesse puro estado, contudo, não pode ser chamada de mente. A errônea identificação de uma coisa com outra é o trabalho da mente contaminada. Isto quer dizer que a mente pura, não contaminada, sendo absoluta Consciência, ao tornar-se inconsciente de sua natureza primária, é subjugada pela qualidade das trevas (tamas) e manifesta-se como o mundo físico. Similarmente, super-poderosa pela atividade (rajas), ela se identifica com o corpo e, aparecendo no mundo manifestado como EU, erroneamente mistifica o ego, vendo-o como realidade. Assim, embalada por



amor e ódio, realiza boas e más ações, sendo, como resultado, capturada no ciclo de nascimentos e mortes. É experiência de todos que no sono profundo e no desmaio, não se tem consciência de seu próprio Ser ou de objetividade. Mais tarde, a experiência “Eu desperto do sono”, “Eu recupero a consciência”, é o conhecimento que distingue, nascido do estado natural. Este conhecimento distintivo é chamado vijnana. Ele brilha não por si próprio, mas por sempre aderir ao Ser ou ao não-Ser. Quando adere ao Ser, é chamado conhecimento verdadeiro; é consciência do modo mental do Ser, ou perpétua consciência; e quando este conhecimento distintivo combina-se com o não-Ser, é chamado ignorância.

O estado no qual este conhecimento liga-se ao Ser e brilha como o Ser, é denominado *aham spurana* ou a pulsação do Ser. Isto não é algo apartado do Ser; é um sinal da vindoura realização do Ser. Contudo, este não é o estado de Ser Primário. A fonte na qual esta pulsação é revelada é chamada *prajnana ghana*. O Vivekachudamani de Sankaracharya descreve este Eterno Estado como segue:

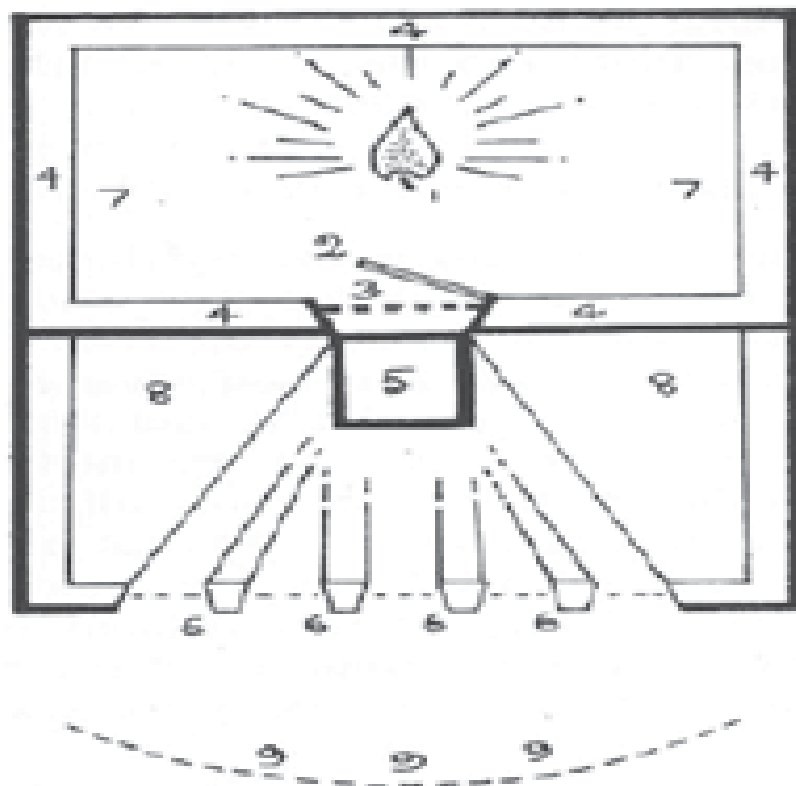
“Nos desdobramentos da consciência, brilha eternamente Atman, a auto-refulgente testemunha de tudo. Fazendo disto tua meta, o que é completamente diferente do irreal, desfrute-o por experiência, completamente inteiro, completamente contínuo como teu próprio Ser.

O sempre luminoso Ser é um e universal. Não obstante a experiência individual dos três estados — vigília, sonho e sono profundo — o Ser permanece puro e imutável.

Ele não é limitado pelos três corpos: físico, mental e causal, e transcende a tripla relação de observador, visão e objeto. O diagrama desta página será útil para se compreender a imutabilidade do Ser, transcendendo-se as ilusórias manifestações acima referidas.

Diagrama

1. Chama = representa o Ser.
 2. Porta = Sono
 3. Soleira da porta = Princípio intelectual (mahat) como a fonte do ego (ahankar)
 4. Parede interna = Ignorância (avidya).
 5. Espelho de cristal = Ego.
 6. Janelas = Cinco Sentidos.
 7. Câmara Interna = Corpo causal durante o sono.
 8. Câmara do meio = Corpo sutil no estado de sonho.
 9. Quintal aberto = Corpo físico no estado de vigília.
- As câmaras interna e do meio juntas com o quintal aberto representam o indivíduo.



O esquema ilustra como a luminosa Consciência do Ser, brilhando por si própria, funciona como o corpo causal (7) na câmara interna, circundada por paredes de ignorância (avidya) (4) e conduzida pela porta do sono (2), que é movida pelas forças vitais, devido ao lapso de tempo e de acordo com o destino, através da entrada da porta (3) contra o interposto espelho do ego (5) Ela passa com a luz refletida de lá para dentro da câmara do meio do estado de sonho (8) mais tarde, é projetada no quintal aberto da vigília (9) através da passagem dos cinco sentidos ou janelas (6). Quando a porta do sono (2) é fechada pela força da mente, (força

vital) e, devido ao lapso de tempo e de acordo com o destino, retira-se dos estados de vigília e sonho para o estado de sono profundo, e fica meramente como ela própria, sem o sentido de ego.

O esquema ilustra também a serena existência do Ser, como diferente do ego e dos três estados de sono, sonho e vigília.

O ser individual reside no olho durante o estado de vigília, no pescoço (nuca) durante o estado de sonho, e no Coração, durante o sono profundo; mas o Coração é o principal dentre esses locais, e portanto o ser individual nunca o deixa inteiramente. Embora seja especificamente dito que o pescoço seja o assento da mente, o cérebro, do intelecto, e o Coração do inteiro corpo do ego, as Escrituras ainda afirmam conclusivamente que o Coração é o assento da totalidade dos sentidos internos, o que é denominado “mente”. Os Sábios, tendo investigado todas as diferentes versões das Escrituras, sintetizaram a verdade total, afirmando que é experiência de todos que o Coração é primariamente o assento do EU.

JÓIAS DA NOVA DOCTRINA Inspirada por Ramana Maharshi



11.3. Ao admirar uma belíssima cascata de águas cristalinas, somente pela beleza estética, o homem que segue os ensinamentos do Caminho da Perfeição, desvia-se dele, com respeito a alguns fatores espirituais da Doutrina: Visão Correta, Palavra Correta, Sentimento Puro, infinitamente espiritual,—mas, ao perceber, pela Iluminação do Grande Mestre, esse pequeno mas importante gesto, passará a ver a beleza dessa fonte de acordo com o Ensinamento Maior relativo à sua Conduta Perfeita, como Buddha que é.

Mesmo depois de haver vencido grandes etapas em seu caminho de autoaperfeiçoamento, o Discípulo não está livre de enveredar por desvios, que levam para longe da Perfeição.

Porém, sendo alertado por seus Mestres, ou mesmo tendo por si só despertado para o equívoco em que estava embarcando, ele volta para a prática dos ensinamentos da Nova Doutrina, que aponta para Visão Correta, Palavra Correta, Sentimento Puro -- passando novamente, como verdadeiro Buddha, a ver na beleza externa da Natureza, um meio bastante eficaz de se religar ao Criador dos Seres e das Coisas, ao SER que em seu Interior habita.



4. O Mundo

O mundo não tem realidade por si próprio. Não existe apartado do Ser. Isto é aqui explicitado, tendo em vista o que ensinam as Escrituras e os Sábios do Yoga.

O principal propósito das Escrituras é expor a ilusória natureza do mundo, e revelar o Supremo Espírito como a única Realidade. Elas construíram a teoria da criação com este único propósito. Elas até entram em detalhes e entretêm os mais baixos pesquisadores com narrativas de sucessivos aparecimentos do Espírito, do desequilíbrio de consciências refletidas, dos fundamentos dos elementos, do mundo, do corpo, da vida, e assim por diante.



Mas para a mais alta ordem de buscadores, diriam as Escrituras, em resumo, que o mundo todo assemelha-se a um panorama num sonho, com objetividade e existência aparentes, devido à ignorância do Ser e conseqüente obsessão, com pensamentos obstrutivos.

Elas procuram mostrar o mundo como uma ilusão, para revelar a Verdade. Aqueles que realizaram o Ser, por experiência direta e imediata, claramente percebem, acima de qualquer dúvida, que o mundo fenomenal como uma realidade objetiva e independente, é completamente não-existente.

DISCRIMINAÇÃO ENTRE O OBSERVADOR E O OBSERVADO

Objeto visto: insensível

O corpo, um pote, etc.

O olho

O centro nervoso ótico

A mente

O ser individual

Observador: sensível

o olho

o centro nervoso no cérebro

a mente

o ser individual ou ego

Consciência pura

Desde que o Ser, que é Pura Consciência, conhece tudo, como demonstrado na classificação acima, é o último Observador. Todo o resto: ego, mente, etc., são meramente seus objetos. O sujeito em uma linha, torna-se o objeto na outra; assim, cada uma delas, exceto o Ser ou pura Consciência, é um simples objeto externalizado e não pode ser o verdadeiro observador. Desde que o Ser não pode ser objetivado, não sendo reconhecido como qualquer outra coisa, e desde que o Ser é o Observador vendo tudo o mais, a relação sujeito-objeto e a aparente subjetividade do Ser existem somente no plano da relatividade e desaparece no Absoluto. Não há, na verdade

outro que não seja o Ser, que não é nem o observador nem o observado, e não está envolvido como sujeito nem como objeto.

Importante esclarecimento é dado por Sri Bhagavan ao discípulo quanto à investigação da Realidade, nos três estados de Vigília, Sonho e Sono Profundo, São diálogos encontrados no Maharshi's Gospel, editado pelo Ramanasramam..

Discípulo: Para o jnani, então, não há distinção entre os três estados da mente?

Bhagavan: Como pode haver, quando a própria mente é dissolvida e perdida na luz da Consciência? Para o jnani todos os três estados são igualmente irrealis. Mas o ajnani é incapaz de compreender isto, porque para ele o padrão de realidade é o estado de vigília, enquanto que para o jnani o padrão de realidade é a própria Realidade. Esta Realidade de Pura Consciência é eterna por natureza e portanto subsiste igualmente durante o que você chama de vigília, sonho ou sono. Para ele, que é um com essa Realidade, não há mente nem seus três estados, e assim nem introversão nem extroversão. Seu é o estado sempre-vigilante, porque ele está sempre acordado para o eterno Ser; seu é o estado sempre sonhando, porque para ele o mundo não é melhor do que um repetidamente presente fenômeno de sonho; seu é o estado de sono contínuo, porque está, em todo o tempo, sem a consciência do “Eu sou o corpo”.

D: Devo então considerar que Sri Bhagavan está falando para mim num estado de vigília-sonho-sono?

B: Porque sua experiência consciente está agora limitada para a duração da extroversão da mente, você chama o presente momento de estado de vigília, enquanto por todo o tempo sua mente tem estado dormindo para o Ser, e assim você está agora realmente dormindo.

D: Para mim, sono é uma completa brancura.

B: É assim porque seu estado de vigília é uma mera efervescência da mente inquieta, durante o sono.

D: O que eu significo como brancura é que estou parcamente consciente de qualquer coisa em meu sono; para mim é o mesmo que não-existência.

B: Mas você existe durante o sono.

D: Se existo, disto não tenho consciência.

B: Você não quer dizer, seriamente, que deixou de existir durante o sono! (rindo). Se você começou a dormir como o Senhor X, acordou como o Senhor Y?

D: Conheço minha identidade, talvez, por um ato de memória.

B: Admitindo isto, como seria possível, a menos que haja uma continuidade de consciência?

D: Mas eu estive inconsciente dessa consciência.

B: Não. Quem diz que você fica inconsciente no sono? É sua mente. Mas não havia mente em seu sono? De que valor é o testemunho da mente sobre sua existência ou experiência durante o sono? Buscando o testemunho da mente para descomprovar sua existência ou consciência durante o sono é como chamar a evidência de seu filho para negar seu nascimento!

Você se lembra que eu lhe disse uma vez que existência e consciência não são duas diferentes coisas, mas uma e a mesma? Bem, se, por qualquer razão, você se sente constrangido para admitir o fato de que você existiu no sono, esteja certo de que você esteve também consciente daquela existência.

Do que você esteve realmente inconsciente no sono foi de sua existência corporal. Você está confundindo esta consciência corporal com a verdadeira Consciência do Ser, que é eterna. *Prajnana*, que é a fonte do 'Eu Sou', sempre subsiste sem ser afetada pelos três transitórios estados da mente, assim capacitando-o a reter sua identidade intocada, sem prejuízo. *Prajnana* está também além dos três estados, porque pode subsistir sem eles e apesar deles.

É aquela Realidade que você deve buscar durante seu assim dito estado de vigília, traçando o *aham-vritti* até sua fonte. Intensa prática nesta pesquisa revelará que a mente e seus três estados são irreais e que você é a eterna, infinita consciência de Puro Ser, o Ser ou o Coração.

JÓIAS DA NOVA DOUTRINA Inspirada por Ramana Maharshi

10.6. Se o Discípulo conseguir diluir a mente e o ego, e viver somente no SER, ele alcançará a Suprema Realização. Pode viver no mundo, mas com um invólucro para se proteger das adversidades da matéria.

Destruir o Ego e a Mente, quando recomendados pela Doutrina, não significa uma autoanulação alienante, mas a superação das negatividades e das limitações dessas duas instâncias humanas.

Na verdade, o acesso ao Conhecimento Superior, ao qual se chega através da Meditação, pressupõe tal “destruição”, que podemos denominar de transformação e mesmo revolução, dadas as diferenças que iremos notar e sentir no grande processo de superação dos liames mundanos.

“Eu não sou este corpo!”, “Eu não sou esta mente!”, “Eu não sou este ego!“...
EU SOU O QUE SOU — manifestação da Divindade na Terra!

Vivendo na Doutrina, o Discípulo se sentirá protegido contra muitos dos percalços desta vida mortal, pois estará vivendo o divino processo que conduz à Imortalidade!...



5. O Ego

A relação do Ego com a Mente e o Eu é aqui explicada, assim como a maneira de se afastar a ignorância, que impede ao homem o reconhecimento de sua verdadeira identidade.

A mente nada mais é do que o EU-Pensamento. Mente e Ego são um e o mesmo. O Intelecto, a Vontade, o Ego e a Individualidade são coletivamente a mesma Mente. É como um homem sendo várias vezes descrito de acordo com suas diferentes atividades.

O indivíduo nada mais é que o Ego, que é somente a Mente. Simultaneamente com o surgimento do Ego, a Mente aparece, associada com a natureza refletida do Ser, como o ferro quente em brasa. Como deve ser entendido o fogo no ferro quente em brasa? Como sendo um com ele.

Desde que o indivíduo nada mais é que o Ego, e é inseparável do Ser, como são o fogo e o ferro quente em brasa, não há outro Ser para agir como testemunha do indivíduo, a não ser o próprio indivíduo funcionando como o Ego, que afinal é apenas a Mente associada com a Consciência refletida.

O mesmo Ser não somente brilha inafetado no Coração, como o fogo no ferro, mas é também infinito como o espaço. É auto-luminoso no Coração como Pura Consciência, como o Um sem segundo, e, manifestando-se universalmente como o mesmo em todos os indivíduos, é conhecido como o Supremo Espírito.

‘Coração’ é meramente um outro nome para o Supremo Espírito, porque Ele está em todos os Corações. Então, o ferro quente em brasa é o indivíduo, o calor do fogo é o Ser testemunha, o ferro é o Ego. O fogo Puro é o todo imanente e todo sábio Supremo Espírito.



JÓIAS DA NOVA DOCTRINA Inspirada por Ramana Maharshi**9.4. O Ego não pode existir sem o Ser, mas o Ser não depende da existência do Ego, pois, ao matar as impurezas do mundo — Ego, o Discípulo vive intensamente o seu Ser Superior.**

A realidade do homem é o Ser que habita em seu interior, e não o ente que se criou com o acúmulo de influências e experiências desde o nascimento, e que se denomina Ego.

Este Ser sempre existiu, e peregrinou por muitas vidas, no processo de volta à Origem, que é a sua verdadeira e divina identidade.

Nas vidas, criam-se Egos, conforme o meio sócio-cultural onde o Ser se encarna.

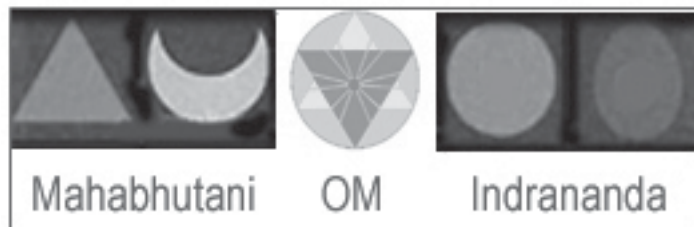
Como este meio é imperfeito, cheio de contradições e negatividades, assim o Ego se constrói.

Se os humanos já vivessem de acordo com a Verdadeira Doutrina, seriam perfeitos em personalidade. O Ego nestas condições constituído, estaria em perfeita harmonia com o Ser, e assim não seriam necessários tantos esforços para se alcançar a beatitude.

Bastaria um ato de vontade para se passar de um para outro ou mesmo para se viver em ambos ao mesmo tempo, numa perfeita combinação de ações e intenções.

Formar-se-ia uma unidade sem que para isso houvesse a necessidade de se escoimar o Ego dos desvios que a socialização lhe inculca, e que se manifestam como excessivo apego à matéria, vaidade, cobiça e até crueldade.

Prevaleceriam o desapego, o altruísmo a solidariedade, a fraternidade. Mas isto é o que os Mestres e Discípulos almejam e para o que trabalham incessantemente.



6. O SER SUPREMO

Demonstra-se aqui que a forma do SER é a forma de Deus, e que Ele tem a forma do Eu-Eu.



O princípio universal subjacente à correspondência entre as *ideias* dentro e os *objetos* fora é o verdadeiro significado do termo *mente*. Desta forma, o corpo, e o mundo que aparece como externo ao indivíduo, são apenas reflexos mentais.

É somente o Coração que se manifesta em todas estas formas. No recesso do Coração como o compreendemos, ou seja, na expansão da mente pura, há o auto-luminoso EU, sempre brilhando. Porque é manifesto em todas as pessoas, é também chamado de Testemunha Onisciente, ou o Quarto Estado.

A Infinita Expansão é a Realidade conhecida como o Supremo Espírito do SER, que brilha sem egoísmo como a Consciência no EU, como o Único em todos os indivíduos. O que está além do Quarto Estado é somente isto.

Que se medite sobre a expansão da Consciência Absoluta, que brilha, toda penetrante, dentro e fora, a iluminação do Quarto Estado, como o espaço que simultaneamente penetra no íntimo azul de uma chama luminosa e o espaço ao redor. O verdadeiro Estado é o que brilha sobre tudo, como espaço que se estende além da chama.

Nenhuma atenção deve ser dada à luz. Basta saber que o Real é o Estado livre do ego. O fato de que todos apontam para o peito quando se referem a si próprios com um gesto, é prova suficiente de que o Absoluto reside como o SER no Coração. O Mestre Vasishtha também diz que, buscando o SER no exterior, ignorando seu constante brilhar como Eu-Eu no Coração, é como jogar fora uma inestimável gema celestial, preferindo uma pedra que brilha.

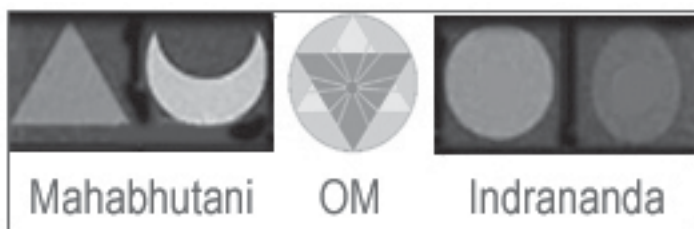
Vedantas consideram um sacrilégio ver o Supremo Criador, Sustentador e Absorvente SER como os deuses separados Ganapathi, Brahma, Vishnu, Rudra, Maheswara e Sadasiva.

JÓIAS DA NOVA DOUTRINA Inspirada por Ramana Maharshi

6.8. Voltados para a Luz Interna do Olho Cósmico, em silêncio, os Paramahansas, desprendidos de todo invólucro da matéria, mergulharão nas profundezas do oceano de águas cristalinas, de onde trarão, em suas mãos, a Pérola Sagrada, aberta em raios luminosos. Eis aí a jóia mais preciosa, que é o SER SUPREMO. É assim a permanência em Samadhi.

Os Paramahansas, que já alcançaram a Plena Realização Espiritual, vivem em permanente estado de Samadhi, mesmo quando estão executando tarefas do cotidiano. Eles são capazes de penetrar no âmago da Realidade indescritível e transmitir esse Conhecimento Superior a todos que estiverem preparados para recebê-lo.

Esses altos Iniciados podem declarar, sempre que necessário, que são UM com a Divindade, assim como o fez o Mestre Jesus, após vencer todas as provas exigidas neste supremo grau.



7. O CONHECIMENTO DO SUPREMO SER

Descreve-se aqui o método para se realizar o Eu, de acordo com os ensinamentos dos Mestres do Ioga.



Quando a mente, na forma de ego, que toma o corpo do SER e se lança para fora, se restringe ao Coração, o senso de EU no corpo reveste-se e a pesquisa é feita com uma mente silenciosa quanto a quem é que habita o corpo — uma sutil iluminação será experimentada como Eu-Eu, que é nada menos que o Absoluto, o SER, sentado no loto do Coração, na cidade do corpo, o tabernáculo de Deus. Então, deve-se permanecer silencioso, na convicção de que o SER brilha como tudo, contudo nada, dentro, fora, e em todo lugar, e é também o Ser Transcendental. Isto é conhecido como meditação sobre a Verdade, transmitida pelo ditado ‘*Sivoham*’, ‘Eu sou Siva’ e é também chamado de Quarto Estado.

Aquilo que está ainda mais além desta sutil experiência é Deus, variavelmente chamado de o Estado além do Quarto, o Onipresente, Supremo Ser que brilha como o recesso da Divina Chama interior e descrita como se manifestando na concentração e na meditação, o Sexto e Sétimo degraus do Ioga de Oito fases, a Expansão do Coração, pura Consciência, o brilho Absoluto no céu da mente, Beatitude, o SER e Sabedoria.

Através de longa, contínua e constante prática desta meditação sobre o SER, como “Eu sou o Supremo”, o véu da ignorância no Coração e todas as resultantes obstruções serão removidos, e perfeita Sabedoria resultará. Conhecer desta maneira a real morada na cavidade do Coração, no tabernáculo do corpo, é, na verdade, a realização do Absoluto, que é inerente a tudo, porque o Coração compreende tudo que existe.

Isto é confirmado pelo texto da escritura, “O Sábio habita, em beatitude, a cidade dos nove portões, que é o corpo”, e “O corpo é o templo, o SER individual é o Absoluto. Se Ele for adorado como “O Supremo Eu sou”, resultará a Liberação, o espírito que suporta o corpo na forma de cinco bainhas é a cavidade, a cavidade é apenas o Coração, o Ser transcendental que reside em seu interior é o Senhor da Caverna”. Este método de realizar o Absoluto é conhecido como *dahara vidya* ou Conhecimento intuitivo do Coração. Que mais se pode dizer? Deve-se realizá-lo por experiência direta, imediata.

JÓIAS DA NOVA DOCTRINA Inspirada por Ramana Maharshi

8.7. O Peregrino, ao trilhar o Caminho do Meio (ou Direto), voltado para o seu Ser, deverá escutar a sua própria voz a lhe dizer: “Sou Deus!”, abrindo, aí, a Mais Verdadeira Consciência Espiritual, pois se faz, neste momento, a Unificação com a Divindade.

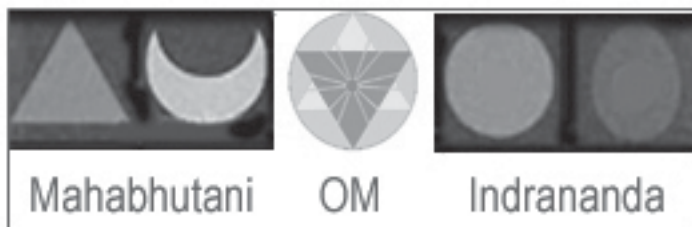
Os homens em geral não aceitam sua identificação com a Divindade.

Para isso contribuiu decisivamente a posição da igreja, que chama de herege a todo aquele que assim pensar e afirmar.

A ditadura eclesiástica, reforçada por castigos indignos, como os executados pela Inquisição, conseguiu atrapalhar a evolução da humanidade, evitando a aproximação do homem e Deus.

Mas hoje, as idéias libertárias, há séculos pregadas pelos Mestres, Mahatmas e Gurus, estão sendo apreendidas, aceitas e postas em prática por um número cada vez maior de homens e mulheres inteligentes, amorosos e desprendidos.

Em breve, um verdadeiro exército do bem, dará início à construção de uma Nova Civilização, a Civilização do Terceiro Milênio, orientada por seres Iluminados, por Excelsos Buddhas.



8. ADORAÇÃO DE DEUS

Dizem os sábios que perene consciência do SER é real adoração e penitência.

O propósito da adoração do Supremo Ser Impessoal é a incessante lembrança da verdade de que você é Brahma, porque a meditação ‘Eu sou Brahma’ envolve sacrifício, dádivas, penitência, ritual, oração, ioga e adoração. O único meio de vencer obstruções à sua meditação é proibir a mente de habitar nestas coisas, e introvertê-la no SER, e lá, despreocupadamente em relação a tudo que acontece; não há outro método. Nem por



um momento perca de vista o SER. Fixando a mente no SER ou o EU que habita no Coração é a perfeição do ioga, meditação, sabedoria, devoção e adoração. Como o Ser Supremo habita como o SER, constante submissão da mente pela absorção no SER é tida como contendo todas as formas de adoração.

A mente controlada, tudo o mais é controlado. A mente é, ela própria, a corrente da vida; os ignorantes dizem que em termos de forma,

ela se assemelha a uma serpente enroscada. Os seis centros sutis (*chakras*) são meros retratos mentais, e destinam-se a iniciantes em yoga. Nós nos projetamos nos ídolos e os adoramos, porque não entendemos a verdadeira adoração do Íntimo. Conhecimento do SER, que tudo sabe, é Conhecimento em perfeição.

Distraídos como somos por vários pensamentos, se continuamente contemplássemos o SER, que é Deus, este simples pensamento no devido tempo eliminaria toda distração e acabaria, até ele, por desaparecer; a pura consciência que finalmente fica, é Deus. Isto é Liberação. Nunca se descuidar de sua própria perfeição, puro SER é o apogeu do ioga, sabedoria e todas as outras formas de prática espiritual. Mesmo quando a mente varia, sem descanso, envolvida em assuntos externos, e assim fica esquecida de seu próprio SER, deve-se permanecer alerta e lembrar-se: ‘O corpo não sou eu. Quem sou eu?’ Pesquise desta maneira, voltando a mente para trás, para seu estado primitivo. A pesquisa ‘Quem sou eu?’ é o único método para colocar um fim a toda miséria e conduzir-se à suprema Beatitude. A despeito do que possa ser dito e escrito, esta é a única verdade, encerrada numa pérola.

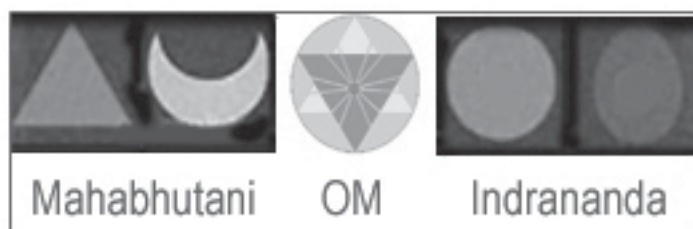
JÓIAS DA NOVA DOCTRINA Inspirada por Ramana Maharshi

8.3. Conseguindo vencer, com sabedoria e conhecimento exato da Verdadeira Doutrina, ao ser atacado injustamente ou mesmo por motivos mesquinhos, esse Peregrino de grande conhecimento espiritual passa com serenidade pelo Caminho do Meio. Ele pode se considerar, sem vaidade, um Buddha.

Os ataques, injustos e mesquinhos, são uma constante na vida de um Ser Iluminado.

Os que estão do outro lado, chafurdando na matéria, sentem-se incomodados e até molestados pela simples presença de alguém cuja aura emite vibrações de alto teor. Essas vibrações são como espinhos que lhes açoitam as auras mal condicionadas. Eis porque atacam, sem saberem a razão, embora busquem pretextos para tal.

Mas o Iniciado, que conhece esses fatos, prossegue, impassível, diante das imprecações e implicâncias, firme em seu Caminho de Iluminação e Amor.



9. LIBERTAÇÃO

Libertação pode ser obtida por constante e prolongada meditação sobre o SER, na forma de 'Sivoham' (Eu sou Siva) que significa 'Eu sou Atman'.

Porque o ser individual, que nada mais é do que a mente, perdeu o conhecimento de sua identidade com o SER real, e se emaranhou em escravidão, sua busca do SER, sua própria natureza primitiva e eterna assemelha-se à do pastor que procura por um cordeiro



que durante todo o tempo ele carregou nos ombros. Contudo, o ego, inconsciente do SER, mesmo quando se torna consciente, não obtém a libertação, que é a Auto-Realização, em virtude da obstrução de acumuladas tendências mentais.

Ele frequentemente confunde o corpo com o SER, esquecendo-se de que ele é na verdade o SER. Tendências longamente cultivadas podem na verdade serem erradicadas por longa e contínua meditação. 'Eu não sou o corpo, os sentidos, a mente, etc., Eu sou o SER' Assim, o ego, que é a mente, que nada é senão um punhado de tendências e que confunde o corpo com o EU, deve

ser dominado, para que deste modo o supremo e liberado Estado conhecido como Auto-Realização seja alcançado, após prolongada adoração devocional do divino SER, que é o verdadeiro fundamento de todos os deuses.

Esta auto-investigação aniquila a mente, e ela mesma se destrói eventualmente, assim como uma vara usada para atirar a pira funeral finalmente também se queima. Este é o estado de Liberação. Ser, Sabedoria, Conhecimento auto-investigativo, Consciência, o Absoluto e Deus denotam a mesma coisa.

Pode um homem tornar-se um alto oficial apenas observando um? Ele pode tornar-se um se esforçar-se e equipar-se para a posição. Similantemente, pode o ego, que está escravizado como a mente, tornar-se o Divino Ser, simplesmente porque uma vez vislumbrou que poderia ser o Ser? Não é isto impossível sem a destruição da mente? Pode um pedinte tornar-se um rei, simplesmente visitando um rei e declarando-se um? Da mesma forma, a menos que a escravidão da mente seja cortada pela raiz por prolongada e ininterrupta meditação, *Eu sou o Ser, o Absoluto*, será impossível obter-se o Estado Transcendental de Beatitude, que é idêntico ao aniquilamento da mente. O Ser é o Absoluto e o Absoluto é o Ser. O Ser somente é o Absoluto. O que é coberto com casca é descascado, e quando descascado torna-se arroz. Assim também, quando sob a escravidão da ação, alguém é o ser individual, e, quando o véu é removido, brilha como o Absoluto. Assim proclamam as escrituras, que depois declaram: A mente deve ser conduzida para dentro e retida no Coração, até que o ego-sentir, que brota como a mente ignorante, é desta maneira destruído.

Esta consciência se manifestará quando a mente se absorver em seu estado primal. Tal absorção conduz á Suprema Beatitude, quando o Ser se revela espontaneamente. Então, não se será mais afetado por prazer ou dor, o que resulta do contato com objetos externos.

Tudo será percebido sem apego, como num sonho. Pensamentos como “É isto ou aquilo bom?” “Deve isto ou aquilo ser feito?” não devem ser permitidos que surjam. Imediatamente ao surgimento de um pensamento, deve ser aniquilado em sua fonte. Se mantido, mesmo por um instante, ele se colocará imeditamente como um amigo desleal. Pode a mente que se fixa em seu estado original, possuir um sentido de ego ou ter qualquer problema para resolver? Não constituem por si sós, tais pensamentos uma escravidão? Portanto, quando tais pensamentos surgirem, devido a tendências do passado, não apenas deve a mente ser contida e retornada para seu verdadeiro estado, mas também mantida despreocupada e indiferente a acontecimentos externos. Não é devido ao esquecimento do Ser que tais pensamentos ocorrem e causam mais e mais miséria? Embora o pensamento discriminador, ‘Eu não sou o agente; todas as ações são meramente reações do corpo, sentidos e mente,’ seja um auxiliar para fazer a mente voltar-se para o estado primal, é ainda um pensamento, mas um pensamento que é necessário para aquelas mentes habituadas a muito pensar. Por outro lado, pode a mente, fixa inabalavelmente no Divino Ser e permanecendo sem ser afetada mesmo quando engajada em atividades, render-se a tais pensamentos como ‘Eu sou o corpo. Eu estou engajado no trabalho’, ou ainda ao pensamento discriminador, ‘Eu não sou o agente, estas ações são meramente reações do corpo, dos sentidos e da mente’? Gradualmente deve-se, por todos os meios possíveis, tentar estar sempre consciente do Ser. Tudo é alcançado quando se é bem sucedido nisso. Que a mente não se distraia com qualquer outro objeto. Deve-se habitar no Ser, sem a sensação de ser o agente, mesmo quando engajado em trabalho predestinado, como um louco. Não tem muitos devotos alcançado muito com uma atitude desvinculada e firme devoção desta natureza?

Porque a qualidade da pureza (*sattva*) é a natureza real da mente, clareza como a de um céu sem nuvens é a característica da expansão mental. Sendo agitada pela qualidade da atividade (*rajas*) a mente torna-se irrequieta e, influenciada pela escuridão (*tamas*), manifesta-se como o mundo físico.

A mente, assim se tornando irrequieta de um lado, e aparecendo como matéria sólida, de outro, o Real não é discernido. Assim como finos fios de seda não podem ser distendidos com o uso de um pesado ferro de passar, ou as delicadas sombras de uma obra serem distinguidas à luz de uma vela que balança ao vento, assim é a Realização da Verdade impossível com a mente tornada grossa pela escuridão (*tamas*) e irrequieta pela atividade (*rajas*), porque a Verdade é muitíssimo sutil e serena. A mente será limpa de suas impurezas somente por uma desinteressada meditação.

A transformação da mente no mundo da matéria inerte devido à qualidade da escuridão (*tamas*) e sua inquietude devida à qualidade da atividade (*rajas*) cessarão. Então a mente recuperará sua sutileza e compostura. A Beatitude do Ser pode manifestar-se somente em uma mente tornada sutil e estável por assídua meditação.

Aquele que experimenta essa Beatitude é liberado ainda em vida.

Quando a mente for despojada das qualidades da escuridão e da atividade pela meditação constante, a Beatitude do Ser claramente se manifestará no interior da mente sutil. Os Iogues ganham onisciência através desta expansão mental. Somente quem tem alcançado tal sutileza da mente e ganho a Realização do Ser é liberado quando ainda em vida. O mesmo estado tem sido descrito no *Rama Gita* como o Brahma, além dos atributos, o único universal e indiferenciado Espírito.

Aquele que atingiu o inquebrantável e eterno Estado ainda acima daquele, transcendendo mente e discurso, é chamado *videhamukta*; que é quando até a mencionada mente sutil é destruída, a experiência de Beatitude como tal também cessa. Ele é submerso e dissolvido no insondável Oceano de Beatitude e se torna despercebido de tudo externo. Isto é *videhamukti*. Nada há além disto. É o fim de tudo. Enquanto se continua habitando como o Ser, a experiência ‘Eu sou o Supremo Espírito’ cresce e torna-se natural: a inquietude da mente e o pensamento do mundo, no devido tempo, tornam-se extintos. Porque experiência não é possível sem mente, a Realização ocorre com a mente sutil. Visto que *videhamukti* envolve a completa dissolução até da mente sutil, este Estado está além da experiência. É o Estado transcendental. ‘Eu não sou o corpo. Eu sou o puro Espírito’ é a clara e indubitável experiência do *jivanmukta*, que é aquele liberado enquanto ainda vivo. Contudo, se a mente não for totalmente destruída, há a possibilidade de que ele se torne aparentemente infeliz em sua incidental associação com objetos, como determinado por seu destino.

Ele pode também parecer ao expectador como não tendo realizado a inquebrantável eterna Beatitude, porque sua mente parece agitada.

Contudo, a Beatitude da Liberação em vida é possível somente para a mente tornada sutil e serena por longa e contínua meditação.

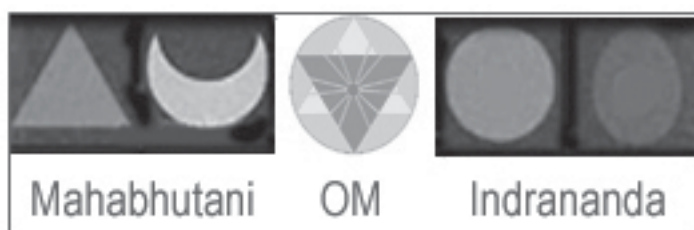
Assim como um ator Brâmane não esquece que é um Brâmane, qualquer que seja o seu papel, da mesma forma um homem não se deve confundir com seu corpo, mas ter firme consciência de ser o Ser, seja qual for sua atividade. Esta consciência se manifestará quando a mente se absorver em seu estado primitivo. Tal absorção conduz à Suprema Beatitude, quando o Ser se revela espontaneamente.

JÓIAS DA NOVA DOUTRINA Inspirada por Ramana Maharshi

7.3. O Alto Iniciado que consegue, na sua caminhada, deixar para trás o egoísmo, a vaidade, e manter o seu Ego num plano diferenciado, alcançará o Mais Alto, podendo sobrepor-se ao mundo, atingir, com Sabedoria, o alto conhecimento, como se fosse a morte. Mas poderá também retornar e viver, segundo a Doutrina, sua Missão espiritual.

O livre arbítrio, do qual faz uso o homem comum para tentar viver uma vida de acordo com suas aspirações, geralmente calcadas no atendimento às exigências do plano físico, — pode também ser utilizado pelo Discípulo avançado, o qual, tendo chegado ao mais alto, terá a opção de retornar ao plano inferior para ajudar seus semelhantes humanos a alcançarem, também eles, a Iluminação e o Samadhi.

Na qualidade de Boddhisattwa, ele ensina como chegar e se manter no Caminho, iluminado pela grande luz da Nova Doutrina, dada pela Suprema Hierarquia a todos que sinceramente buscam a autossuperação.



10. As Oito Sendas do Ioga

Descrição da Senda do Ioga, para a obtenção da Auto-Realização, através do controle da mente, pelo controle da respiração.

Para se obter a devoção na forma de meditação descrita no capítulo anterior, passos como *yama* e *niyama* (os primeiros dois estágios em *ashtanga* ou ioga óctuplo, explicado abaixo) são prescritos. Estes tem duas formas, uma da natureza do ioga e a outra da *jnana*. Controle sobre a respiração é ioga. Eliminação da mente é *jnana*. Qual destas vem mais facilmente para o aspirante, depende de suas tendências inerentes e maturidade. Ambas conduzem ao mesmo resultado, pois pelo controle da respiração a mente é controlada, e pela eliminação da mente a respiração é controlada. O objetivo de ambos os métodos é o apaziguamento e eliminação da mente.



Yama (auto-controle moral) que é necessário preliminarmente na senda iogica; em detalhe: (abstenção de mentir, matar, roubar, luxúria e cobiça), *niyama* (observâncias disciplinares), *asana* (posturas), *pranayama* (controle da respiração), *pratyahara* (retirada dos sentidos dos objetos externos), *dharana* (atenção concentrada), *dhyana* (contemplação firme e ininterrupta) e *samadhi* (identificação com o Atman). Estes oito são os elementos do ioga. Destes, o controle da respiração consiste de exalação, inalação e retenção. Enquanto em todas as *sastras* seja dito que exalação e inalação devam ser iguais, e retenção duas vezes maior, em Rajayoga, a retenção da respiração é quatro vezes mais longa do que a inalação, e duas vezes mais longa do que a exalação.

O controle da respiração na senda do Rajayoga é superior ao de outros tipos. Se este controle da respiração for praticado de acordo com a capacidade de cada um, sem esforço mas regularmente, o corpo fica fatigado, de certo modo, mas torna-se silente, e o desejo de estar num estado de Beatitude surge gradualmente na mente. Então *pratyahara* deve ser tentada.

Isto unifica a mente e torna-a unidirecionada, de modo que ela não corre atrás de objetos externos, nome ou forma. Como a mente que havia até agora corrido atrás de coisas externas pode raramente retirar-se e fixar-se, esforços são feitos para unificá-la e estabilizá-la, ocupando-a num objetivo particular, através dos seguintes meios: *pranava japa* (o encanto de OM) e outros feitos mentalmente; fixando a atenção entre as sobrancelhas; concentração na ponta do nariz; ouvindo os sons que surgem no interior das orelhas alternadamente, i.é., esforçando-se para ouvir o som na orelha esquerda com a orelha direita e *vice versa*. *Dharana* (atenção concentrada) deve então ser tentada. Isto quer dizer fixar a mente num centro apropriado para a meditação. O Coração e *brahmarandhra* (fontanela da abertura na coroa da cabeça) são recomendados como pontos propícios para *dharana*. A mente é fixada em um desses

pontos enquanto se concebe uma das deidades pessoais na forma de uma chama de luz brilhando ali. Se a pessoa fixa a atenção no Coração, é o loto de oito pétalas; se na *brahmarandhra* será também o loto de oito pétalas, embora se diga que consiste de *sahasradala* (mil pétalas) ou 125 pequenas pétalas. Assim se concentrando, deve-se meditar que não se é um ser separado da própria deidade e que aquela chama de luz é a forma de sua Alma (Atma = Espírito ou Ser). Em outras palavras, é meditação em 'Eu sou Ele'. A escritura diz que o todo-penetrante Brahma, ele próprio, está brilhando no Coração como 'Eu-Eu', a testemunha do intelecto. Se alguém pergunta 'Quem sou Eu?' então Ele (a Deidade ou o Atma) será encontrada brilhando (pulsando) como 'Eu-Eu', no loto do Coração. Praticar isto é também meditação e é muito melhor do que a meditação em 'Eu sou Ele'. Um homem pode praticar tudo que vier fácil para ele. Praticando este tipo de meditação, o indivíduo torna-se inconsciente de si mesmo e do que faz, e sua mente torna-se absorta no Ser. O estado sutil no qual até a pulsação se aquieta, é o estado de samadhi. Apenas deve-se guardar contra o sono neste estado. Então ele conferirá Suprema Beatitude. Se alguém praticar isto diariamente, e regularmente, Deus o abençoará na Suprema Senda, na qual ele alcançará perfeita Paz.

Como há elaborados tratados sobre os elementos do *ashtanga* ioga, somente o mínimo necessário está escrito aqui. Aquele que desejar conhecer mais deve buscar um iogue prático e experiente, e aprender com ele em detalhes.

Pranava é encantamento de **OM** com três e meia unidades, **A**, **U**, **M**, e meia unidade de **M**. Destas, **A** representa o estado de vigília, o corpo grosseiro e a criação, **U** representa o estado de sonho, o corpo sutil, como a preservação, **M** o estado de sono profundo, o ser em repouso no sono, o corpo causal e a dissolução. A meia unidade representa o quarto estado, o verdadeiro estado do Eu ou Ser. O estado além deste é o estado de pura Beatitude (Felicidade). O quarto estado obtido na meditação como o verdadeiro Estado, contem em si **A**, **U**, **M** e a meia unidade, e assim é chamado de o estado no qual todas as formas de som se acalmam; é também chamado encantador silencioso ou não-dual, que é a essência de toda encantação. É para obter esta verdadeira experiência de **OM** que no estágio de *pratyahara*, a encantação silenciosa é prescrita. 'A alma obtém imortalidade consciente através da meditação sobre aquele princípio sempre brilhante como a chama de luz que possui a efulgência do relâmpago, residindo como Todo-Penetrante, no meio do loto do coração, com oito pétalas, o tamanho de um polegar e descrito várias vezes como *kailasa*, *vaikunta*, e *paramapada*'. O buscador é avisado que deve meditar de acordo com este texto. Um sentimento de inconstância no Ser pode aparecer e também de diferenciação entre o que medita e aquilo sobre o qual medita.

O buscador é avisado de que deve meditar sobre seu próprio Ser, porque essa chama que está relampejando como Eu-Eu é o Ser.

Portanto, não há necessidade de dúvida sobre este texto da escritura. De todas as formas de meditação *atma dhyana* (meditação sobre o Ser), que acabou de ser descrita, é a melhor. Se for alcançada, não haverá necessidade de tentar outras formas de meditação, porque todas estão inclusas nela. Outras formas são prescritas somente para ajudar a alcançar sucesso nesta. A forma de meditação que alguém segue dependerá de sua maturidade de mente. Embora os vários modos de meditar pareçam diferentes, eles todos convergem para o mesmo ponto; não há como duvidar disto. “Conhecer-se como o próprio Ser é conhecer Deus”.

Não conhecendo a natureza daquele que medita, mas meditando sobre Deus como estranho ao seu próprio Ser, é como medir a sua sombra com o próprio pé. Você vai medindo enquanto a sombra também vai se afastando mais e mais. Assim dizem as escrituras. Portanto, meditar sobre o Ser é o melhor, porque somente o Ser é o Supremo Ser de todos os deuses.

JÓIAS DA NOVA DOCTRINA Inspirada por Ramana Maharshi

3.7. No caminho de flores multicoloridas, que trazem a luz do conhecimento, muitas vezes o caminhante poderá encontrar ervas daninhas e pedras pontiagudas que o deterão. Mas, se ultrapassá-las com determinação, conseguirá rever as flores que simbolizam a Luz do Conhecimento do seu Ser Superior, que em silêncio o guiará até o final dessa caminhada.

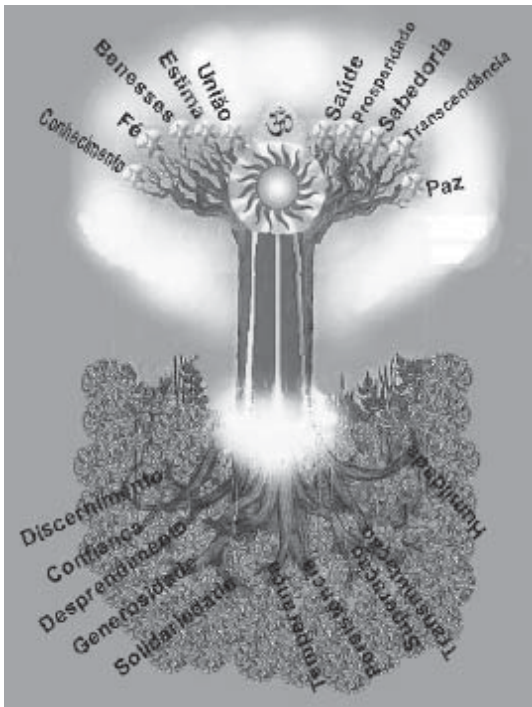
Não basta encontrar o Caminho da Iluminação, com as delícias do Conhecimento Superior. É preciso que o caminhante persevere diante das dificuldades, e aprenda a distinguir o joio do trigo, ou seja, separar as ervas daninhas que se espalham entre as flores multicoloridas da Sabedoria, ultrapassando as pequenas dádivas das interpretações apressadas — para prosseguir na busca da Grande Luz que ilumina a senda que o levará ao termo glorioso de sua Caminhada. Meditar, orar e confiar... Amar incessantemente, e trabalhar pela Evolução Consciente da Humanidade.



11. As Oito Sendas do Conhecimento

A Senda do Conhecimento, *Jnanamarga*, que conduz à Auto-Realização, pela compreensão de que o Supremo é UM e indivisível, é descrita neste capítulo.

Uma descrição detalhada das fases da *jnana ashtanga* (a óctupla senda do Conhecimento) tais como *yama* e *niyama* está além do escopo deste pequeno trabalho. Exalação nesta senda significa desistir dos dois aspectos, de nome e forma, de corpo e mundo. Inalação é pegar os aspectos *sat* (sendo), *chit* (consciência), *ananda* (felicidade), penetrando em



nomes e formas. A retenção da respiração é retê-los, assimilando o que for obtido. *Pratyahara* é estar sempre no estado de vigília para que nomes e formas não se intrometam novamente na mente. *Dharana* é manter a mente no coração, de modo que ela não mais vagueie, firmando-a ao conceito já seguro, que é: 'Eu sou o *sat-chit-ananda Atman*' (o Ser que é Ser-Consciência-Beatitude).

Dhyana (meditação) é habitar seguramente como *aham swarupa* (em sua verdadeira forma) que é experienciada como 'Eu-Eu' por sua própria conta, como quando indagando 'Quem sou Eu?', silenciando esse cadáver de um corpo de cinco revestimentos. Para esta espécie de controle de respiração não há necessidade de regulações como *asanas* (posturas) etc. Pode-se praticar em qualquer

lugar ou tempo. O objetivo primeiro é fixar a mente no Coração, aos pés do Senhor, brilhando como o Ser, e nunca esquecê-lo. Esquecimento do Ser é a fonte de toda miséria. Os mais velhos dizem que tal esquecimento é morte para o aspirante que busca a Liberação. Pode ser perguntado se o regular controle da respiração do *Rajayoga* (uma senda *yogica*) é desnecessária. A isto respondemos: é útil, mas seu valor dura até somente enquanto se está praticando, enquanto que o controle da respiração da óctupla senda do Conhecimento é uma ajuda permanente. O objetivo de ambos os tipos de controle da respiração é relembrar sobre o Ser e aquietar a mente. Portanto, até que a mente tenha se situado no coração por meio do controle da respiração ou Auto-Investigação, permanece necessário o controle *yogico* regular da respiração; além disso, não há necessidade dele. O tipo de controle da respiração *kevala kumbhakais* é de tal natureza que a respiração reside no Coração até sem o controle da inalação e da exalação. Podem-se praticar os métodos tanto do *yoga* como os de *jnana* (conhecimento) à escolha.

Todas as escrituras objetivam o controle da mente, visto que a destruição da mente é

moksha ou Liberação. Yoga é controle da respiração, enquanto os métodos de *jnana* ou Conhecimento é ver tudo como uma forma de verdade ou como Brahma, o Único e Indivisível. Depende da maturidade da pessoa quais dessas duas sendas a ela se adequará. A senda do saber é como domar um touro selvagem, mostrando-lhe um ramo de grama, enquanto a do yoga é como domar através de pancada e opressão. Assim dizem os que sabem. Pessoas altamente competentes alcançam a meta controlando a mente estabelecida e fixa na verdade da Vedanta, conhecendo a certeza do Ser, e vendo o seu Ser e tudo como Brahma. Aqueles que são menos qualificados, fixam a mente no coração por meio do controle da respiração e meditação prolongada sobre o Ser. Aqueles que são ainda menos qualificados, alcançam estágios mais altos por métodos tais como controle da respiração. Mantendo isto em mente, o yoga do controle da mente é classificado como a óctupla senda do Saber e do Yoga. É o suficiente se o controle da respiração for praticado até que se alcance *kevala kumbhaka*. A direta experiência do *samadhi* pode também ser obtida por devoção (*bhakti*) na forma de constante meditação (*dhyana*). *Kevala kumbhaka com Auto-Investigação*, mesmo sem controle de inalação e exalação, é uma ajuda para isto. Se isto se torna natural para alguém, pode ser praticado por todo o tempo, até durante a atividade mundana, e não há necessidade de se procurar um local especial.

Tudo que uma pessoa acha adequado, pode ser praticado. Se a mente gradualmente acalmar-se, não importa se outras coisas venham ou vão. No *Bhagavad Gita*, O Senhor Krishna diz que o devoto é mais alto do que o yogue, e que os meios para a Liberação são *bhakti* (devoção) na forma de contínua e prolongada meditação sobre o Ser, que é a única Realidade. Portanto, se, de um modo ou de outro, obtemos a força para descançar a mente perpetuamente n'Ele, por que se preocupar com outras coisas?

JÓIAS DA NOVA DOCTRINA Inspirada por Ramana Maharshi

3.1. A Evolução cósmica em toda sua formação, é dirigida por três elementos: O Espírito Inconsciente, o Intelecto Oniconscente e a Mente Consciente — Querer — Compreender — Crer.

A re-entrada no planeta, de um espírito, através da encarnação, atende ao querer de uma individualidade, que, no entanto, ignora, enquanto materializado, todo seu passado, nada sabendo, conscientemente, da bagagem já acumulada em vidas passadas. **O Espírito Inconsciente apenas QUER.**

Com o correr do tempo, o passar das experiências, o estudo da Doutrina, a prática dos Ensinamentos, ele passa a compreender a sua real posição no universo, utilizando-se de seu Intelecto, capaz de a tudo abarcar em termos de análise e síntese. **O Intelecto Oniconscente COMPREENDE.**

Quando o Discípulo ultrapassa a barreira da lógica e da razão, penetrando no âmago do Conhecimento Real, através da Meditação e de um viver austero e dedicado ao Mais Alto, seu grau de compreensão leva-o a sentir, compreender e acreditar na Realidade Última. **Assim, a Mente Consciente CRÊ.**



12. Renúncia

A completa eliminação de pensamento é considerada a única verdadeira renúncia.

Sannyasa ou renúncia não é o descartar das coisas externas, mas do ego. Para tais renunciantes (*sannyasins*) não há diferença entre solidão e vida ativa. O Sábio Vasistha diz: ‘Assim como um homem cuja mente esteja preocupada, não se apercebe do que está diante dele, assim também o Sábio, embora engajado no trabalho, não é o autor dele, porque sua mente está imersa no Ser, sem o aparecimento do ego. Justo como um homem deitado em sua cama sonha que está caindo de cabeça num precipício, assim o ignorante cujo ego está ainda presente, embora engajado em meditação profunda e em solidão, não deixa de ser o autor de toda ação.’

Está em nosso poder adotar uma dieta simples e nutritiva e, com zeloso e incessante esforço, erradicar o ego — a causa de toda miséria — paralisando toda atividade mental nascida do ego.

Podem pensamentos obsessivos surgir sem o ego, ou pode haver ilusão apartada de tais pensamentos?

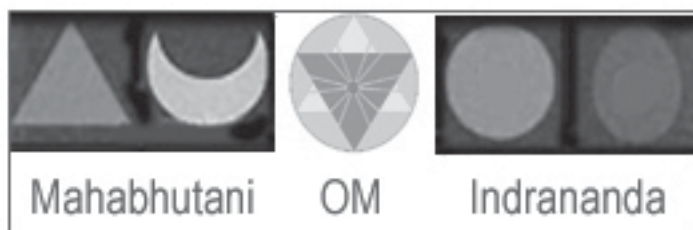
Portanto, medite incessantemente sobre o Ser e obtenha a Suprema Beatitude ou Felicidade da Liberação. Isto, na verdade é o sentido deste trabalho.



JÓIAS DA NOVA DOUTRINA Inspirada por Ramana Maharshi

5.12. Amealhar bens materiais, e mesmo espirituais, para guardá-los avaramente em cofres ou mentes aos quais os necessitados não têm acesso, mesmo quando o merecem, — é falta grave daquele que recebe dos Mestres, em abundância, tantas e tão preciosas benesses. Tal postura denota grande egoísmo, falta de caridade e sensibilidade para com o sofrimento humano. O mesmo pode ser dito daquele que, possuindo tais bens, especialmente os espirituais, cobram elevadas quantias para passá-los aos postulantes. Desapego, inegoísmo e caridade são qualidades essenciais para quem quer realmente alcançar a Unidade com Deus.

Nada possuímos neste mundo e no outro. O grande tesouro para cuja posse dependemos todo nosso esforço é transcendental: não pode ser definido pelos padrões comuns. Conseqüentemente, os bens materiais ou espirituais que recebemos ou retemos, destinam-se aos outros, e devem ser distribuídos equitativamente. Desapego, inegoísmo e caridade acontecem naturalmente na vida do Discípulo verdadeiro.



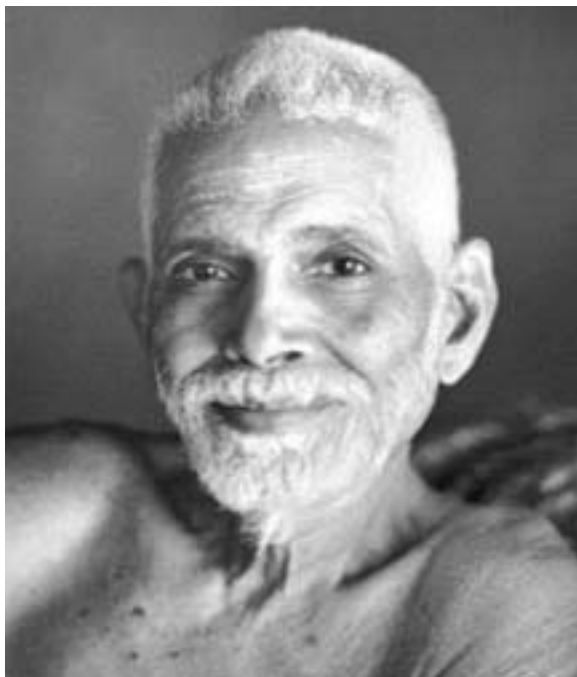
ARUNACHALA INDIANO- Tiruvannamalai - Sul da Índia




ARUNACHALA BRASILEIRO - Serra Fluminense - RJ - Sede da SOBUHIR



Pela Palavra, pelo Silêncio e pelo Olhar...



 **11.5. No Caminho Direto, ao pé do Monte Sagrado, o Ser Iluminado, o monge, iniciará a prática que faz parte da Nova Doutrina, a Iniciação que pode ser feita de três formas diferentes: Pela Palavra, pelo Silêncio e pelo Olhar. Pela Palavra, sem usar de gestos, apenas ela, ele transmitirá, através do seu Ser Interno, para o Ser Interno do Discípulo, todo conhecimento necessário, para que ele possa chegar ao cume do Monte Arunachala; pelo Silêncio, o discípulo vai captar todos os ensinamentos que lhe forem permitidos, mesmo estando distante do monge; pelo Olhar, que é a forma mais usada neste Caminho, porque a comunicação dos conhecimentos é passada de um Eu Superior para um Ser Interior ou Eu Sou.**

Ao iniciar sua jornada sagrada, que consiste na preparação de novos discípulos, o Monge vai utilizar da *Palavra*, do *Silêncio* e do *Olhar* tendo sempre como objetivo a transmissão dos excelsos ensinamentos da Nova Doutrina.

A Palavra deve ser transmitida sem afetação, calmamente, após uma adequada preparação, evitando-se sempre desvios intelectuais ou quaisquer outros; o Silêncio será um complemento, pois capacitará o discípulo a aurir ensinamentos, mesmo distante fisicamente do seu Mestre, visto que se comunicarão nos planos sutis, esteja ou não o discípulo disto consciente; o Olhar será usado constantemente nos contatos espirituais, pois que nele se concentra uma poderosa energia, plena de conhecimento e amor, capaz de alcançar o âmago do Ser Interno, ao qual o Mestre transmitirá o Conhecimento Superior.

BIBLIOGRAFIA

SRI RAMANASRAMAM (Bhagavan Sri Ramana Maharshi). *Words of Grace (Who Am I? - Self-Enquiry - Spiritual Instruction)*, Ramanasramam, Tiruvannamalai, Índia, 2005.

OSBORNE, Arthur. *Ramana Maharshi and the Path of Self-Knowledge - A Biography*. Sri Ramanasramam, Tiruvannamalai, Índia, 2002.

MAHABHUTANI & INDRANANDA. *A Nova Doutrina de Ramana Maharshi*. Obra inédita. Niterói RJ, 2006.

A NOVA DOCTRINA DE RAMANA MAHARSHI

Obra inspirada, escrita por Mahabhutani e Indrananda, devotos do Guru, Sri Ramana Maharshi, esta Nova Doutrina estabelece novas formas de abordagem dos ensinamentos budistas e hinduístas, inovadoras, mas em harmonia com a melhor tradição. Parte dos ensinamentos nela contidos está neste AOS PÉS DO GURU...

Que os apreciadores da filosofia Vedanta encontrem aqui inspiração que lhes incentive o progresso na Caminhada! OM!

